

# PERNAMBUCO

HALLINA BELTRÃO

## DALTON TREVISAN À ESPREITA

REPORTAGEM ESPECIAL INVESTIGA O MITO QUE  
O “VAMPIRO DE CURITIBA” ERGUEU AO SEU REDOR

## COLABORADORES



**Kelvin Falcão Klein**, crítico literário, autor de *Conversas apócrifas com Enrique Vila-Matas* e escreve no blog [falcaoklein.blogspot.com](http://falcaoklein.blogspot.com)



**Luís Henrique Pellanda**, jornalista e escritor, autor entre outros, de *Asa de sereia* (2013)



**Raphael Montes**, autor de *Suicidas* (2012) e *Dias perfeitos* (2014)

## E MAIS

**Hallina Beltrão**, designer e ilustradora, mestre em Design Gráfico Editorial na Elisava (Barcelona). **Reginaldo Pujol Filho**, jornalista, pós-graduado em Artes da Escrita na Universidade Nova de Lisboa e autor dos livros *Quero ser Reginaldo Pujol Filho* e *Azar do personagem, não?*. **Rodrigo Casarin**, jornalista. **Valter Hugo Mãe**, escritor português, autor entre outros de *A máquina de fazer espanhóis* (2011). **Yasmin Taketani**, jornalista.

## CARTA DO EDITOR

Há um bom tempo que o **Pernambuco** estava devendo uma matéria especial sobre Dalton Trevisan, esse que é não apenas um dos maiores escritores do Brasil, também um dos mais misteriosos. Isolado em sua casa e em seus famigerados passeios, ele acabou erguendo uma cidade. Parece impossível pensar em Curitiba para além da figura de Dalton.

Para entender um pouco do universo de criação do “vampiro de Curitiba”, chamamos um dos principais nomes da atual cena literária curitibana, Luís Henrique Pellanda, para perfilar o fascínio exercido por Trevisan para a capa deste mês.

Incubido da tarefa, Pellanda, assim como em suas crônicas, foi à rua em busca de personagens que pudessem dar seu depoimento sobre o “vampiro”, num exercício livre de jornalismo literário. Entre os entrevistados desse texto, críticos e autores como Miguel Sanches Neto, Cristovão Tezza e José Castello tentam encontrar alguma resposta para definir o mistério Dalton. É claro que não aparecem respostas. E é melhor assim. “Impossível é fazer do Dalton uma figura paterna, será uma batalha inú-

til. Ele recusa quaisquer responsabilidades ou estereótipos patriarcais, dificilmente saberá lidar com o amor de tantos filhos. Um de seus maiores legados, diz o Miguel, é essa sua capacidade de evitar a oficialização de seus contos e de sua figura como autor. E o Dalton nunca será mesmo uma “autoridade”, não no sentido tradicional da coisa. “Ele mantém uma rebeldia que é eternamente jovem, mesmo quando seus textos parecem se repetir. E há também um uso erótico da linguagem. Escrever para ele é um permanente estado de gozo estético”, aponta Pellanda, que no seu texto não esconde a atração que o vampiro exerce na cena literária curitibana.

A lembrança dos 50 anos do Golpe Militar no Brasil está presente na reportagem sobre o escritor Bernardo Kucinski, que tomou o trauma histórico vivido pelo Brasil como ponto de partida para seu novo livro de contos, *Você vai voltar pra mim*. Ainda nesta edição, uma conversa com o poeta e ensaísta Marco Lucchesi, que agora também está incursionando pelo romance.

**Boa leitura e até maio.**

## PERNAMBUCO

GOVERNO DO ESTADO  
DE PERNAMBUCO  
*Governador*  
Eduardo Campos

*Secretário da Casa Civil*  
Francisco Tadeu Barbosa de Alencar

COMPANHIA EDITORA  
DE PERNAMBUCO - CEPE  
*Presidente interino*  
Bráulio Meneses  
*Diretor de Produção e Edição*  
Ricardo Melo  
*Diretor Administrativo e Financeiro*  
Bráulio Meneses

CONSELHO EDITORIAL  
Everardo Norões (presidente)  
Lourival Holanda  
Nelly Medeiros de Carvalho  
Pedro Américo de Farias

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO  
Adriana Dória Matos

SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO  
Luiz Arrais

EDIÇÃO  
Raimundo Carrero e Schneider Carpeggiani

REDAÇÃO  
Debóra Nascimento, Gilson Oliveira e Mariana Oliveira (revisão), Mariza Pontes e Marco Polo (colunistas)

ARTE  
Janio Santos e Karina Freitas (diagramação e ilustração)  
Sebastião Corrêa (tratamento de imagem)

PRODUÇÃO GRÁFICA  
Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves e Sóstenes Fernandes

MARKETING E PUBLICIDADE  
Alexandre Monteiro, Armando Lemos e Rosana Galvão

COMERCIAL E CIRCULAÇÃO  
Gilberto Silva

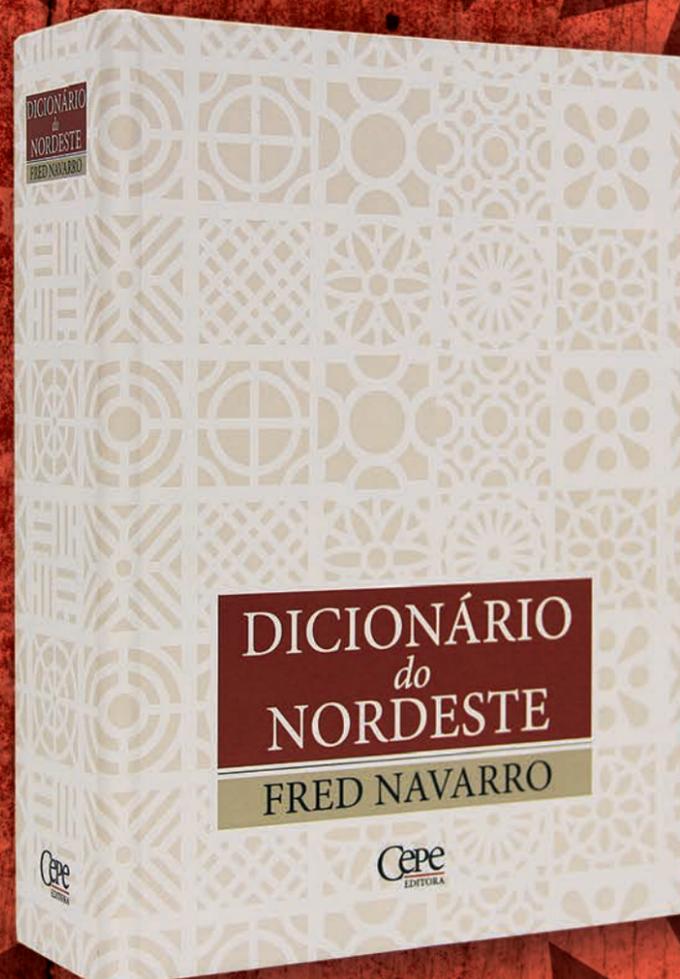


PERNAMBUCO é uma publicação da  
Companhia Editora de Pernambuco - CEPE  
Rua Coelho Leite, 530 - Santo Amaro - Recife  
CEP: 50100-140

Contatos com a Redação  
3183.2787 | [redacao@suplementope.com.br](mailto:redacao@suplementope.com.br)

VOCÊ SABE O QUE É  
UM ABILOCIL?  
UMA BALDROCA?  
UMA CACERENGA?  
UM DEBO?  
UM EMBELECO?  
E UM FIFÓ?

PASSE O GRAU NESTE LIVRO  
E FIQUE POR DENTRO!



**Cepe**  
EDITORA  
[www.cepe.com.br](http://www.cepe.com.br)

## BASTIDORES

# Que o psicopata saiba guiar bem esse romance

Para vencer a síndrome do segundo romance, autor cede sua voz a um *serial killer*, erguido com a consultoria de médicos e de um psiquiatra

**David Bowie,**  
músico, ator e produtor musical.



KARINA FREITAS



## Raphael Montes

**Comecei a escrever** *Dias perfeitos* em 2010, quando *Suicidas*, meu romance de estreia, ainda esperava nas pilhas de análise de originais das principais editoras. Em 2013, quando o finalizei, o quadro era outro: *Suicidas* havia sido publicado pela Editora Saraiva com boa distribuição, tinha sido finalista dos prêmios Machado de Assis e São Paulo de Literatura, vendido milhares de cópias. Eu tinha e-mails de leitores na minha caixa de entrada, dezenas de *inboxs* no facebook. Pressão pra valer.

É fartamente conhecida a tal “síndrome do segundo romance”, que perturba escritores que ganham destaque em seu livro de estreia e se preparam para lançar um segundo trabalho no mercado. Há uma natural cobrança do público de que o novo trabalho supere o anterior – ou ao menos mantenha o nível – e, principalmente, há a certeza de que você não é mais um “autor iniciante”, você está entre as feras já consagradas e precisa se manter de pé.

No meu caso, a experiência criativa foi menos traumática. Quando comecei a pensar num segundo livro, ainda não era autor publicado e tinha claro para mim o desejo de fazer uma obra diferente da primeira, que explorasse novos caminhos e possibilidades do gênero. Desde o início, tenho o projeto de escrever romances que flertam com subgêneros clássicos do policial em uma roupagem moderna. Acredito que o romance policial clássico não funciona mais e é preciso que o gênero acompanhe essa mescla de estilos e influências para moldar uma literatura policial mais contemporânea, vibrante e universal.

*Suicidas* é um thriller com ritmo acelerado que se torna um romance-enigma na metade final, bem ao estilo Agatha Christie. O livro tem mais de 20 personagens, é narrado de três formas distintas e simultâneas, repleto de *flashbacks* e ganchos entre os capítulos. No segundo romance, queria fazer algo simples, linear, com poucos personagens; uma história cuja força narrativa estivesse mais na densidade psicológica dos personagens do que nas possibilidades da trama.

A ideia para *Dias perfeitos* veio de um pedido de minha mãe. Após ter lido *Suicidas*, chocada com as cenas fortes do livro, ela sugeriu que eu escrevesse uma história de amor. Segundo disse, “ninguém publicaria um troço violento daqueles”. Provocado pela sugestão, comecei uma história de amor do meu jeito: um estudante de medicina que, obcecado por uma mulher, decide forçá-la a gostar dele. A premissa me interessou por abordar temas muito

humanos; assuntos que, de um modo ou de outro, todos já vivemos – o amor e a rejeição são universais. Quem nunca acreditou que bastava uma chance para conquistar de vez aquele que nos rejeita? É essa chance que Téio, o protagonista, busca ao sequestrar Clarice. Quer que ela o conheça melhor e perceba como ele pode ser bom para ela.

Escrever sob a ótica de um psicopata foi especialmente desafiador. Téio tem uma lógica impecável e justifica suas atitudes com muita racionalidade e calma. Tive a consultoria de um psiquiatra e de outros três médicos que me ajudaram a definir a voz do personagem. Fiz também muitas leituras sobre psicopatia.

Lá pela metade do livro – e, nesta época, *Suicidas* já começava a dar certo –, tive uma crise criativa, pois a história tomou um rumo que eu não havia previsto. Não estou dizendo que a crise teve qualquer coisa a ver com a tal “síndrome do segundo romance”, mas fato é que *Dias perfeitos* ficou seis meses parado, esperando que eu resolvesse qual caminho seguir. Não acredito muito em inspiração. Para mim, escrever é programar, calcular, organizar. Por isso, quando uma personagem dominou o livro e levou a história para outro sentido, fiquei sem reação. O que fazer? Calar a força da personagem só porque não estava programado? Ou respeitar e deixar a história seguir um caminho diferente do que eu havia pensado de início?

Acabei optando por um caminho intermediário. Deixei que a personagem tivesse seus momentos por alguns capítulos, mas logo trouxe a história de volta aos trilhos. Depois disso, foi fácil chegar ao ponto final. Autores que eu admiro, como Scott Turow, Luis Alfredo Garcia-Roza e Carola Saavedra, leram o livro e gentilmente fizeram elogios ao meu trabalho. De minha parte, foi deliciosamente doloroso escrever este livro (todo escritor é um pouco masoquista, não?). Semana passada, iniciei os rabiscos do novo romance, ainda lento, cheio de hesitações e dúvidas. Já googlei aqui e estou mais calmo: parece que a síndrome do terceiro romance não existe.

\*Leia trecho do livro *Dias perfeitos* na nossa seção de Inéditos

### O LIVRO



**Dias perfeitos**  
Editora Companhia das Letras  
Páginas 280  
Preço R\$ 35,00

## RESENHA

# Sobre como cuidar do nosso passado

Novo livro de Bernardo Kucinski revê a relação do Brasil com a ditadura

Rodrigo Casarin

JANIO SANTOS SOBRE REPRODUÇÃO



1.

Quando escrevemos, quando criamos, expurgamos o que está em nós, damos forma a sentimentos, organizamos ideias, refletimos sobre o que parecia estar escondido em algum compartimento na periferia do cérebro, dividimos com o papel – real ou virtual – o peso de nossas experiências, um pouco de nossas sombras. Às vezes, algo que começa como um íntimo desabaço se transforma num revigorante e produtivo processo.

2.

*Você vai voltar pra mim*, de Bernardo Kucinski, é um apinhado de histórias transformadas em contos. Praticamente todas elas são de alguma forma inventadas, buscam fazer um retrato da realidade que talvez só seja possível com as nuances permitidas pela ficção. Mais do que relatos pontuais da época da ditadura no Brasil, os textos trazem o clima de medo, perseguição e até mesmo indiferença – a maioria das pessoas não estava nem aí para o que acontecia – instaurada no país ao longo de duas décadas, que estão num passado apenas cronológico. O período está ali, bem representado, seja de maneira trágica, como em “Sobre a natureza do homem” e “Tio André” – talvez o melhor texto de todo o livro –, seja de maneira originalmente saudosista, como em “Recordações do casarão”.

Olhados na totalidade, os contos nos dão um grande panorama da vida íntima de muitos brasileiros ao longo da ditadura, de famílias que entravam em conflito porque o filho com verve revolucionária batia de frente com o pai reacionário (“Pais e filhos” e “Os gaúchos”), de “subversivos” que, por viverem em estado de permanente tensão, de medo de serem pegos pela polícia, acabavam encontrando alguma tranquilidade somente quando presos (“A mãe rezadeira”), dos podres da esquerda, tanto em forma de membros delatores (“Dodora”) quanto das artimanhas ilícitas para se levantar dinheiro (“O filósofo e o comissário”). *Você vai voltar pra mim* trata o assunto com a complexidade e profundidade que ele merece ser tratado.

3.

Bernardo Kucinski entrou na USP no começo da década de 1960 para estudar física. Quando um grupo de alunos subversivos foi expulso da FEI, estava dentre aqueles que os receberam na Universidade de São Paulo. De maneira quase que natural para um jovem estudante, pendia para a esquerda na mesma proporção que a direita se extremava. Tentou entrar para uma organização trotskista – estava de olho principalmente nas meninas que dela participavam –, mas foi recusado sob a alegação de que era muito fraco. Isso talvez lhe tenha poupado a vida.

Então, colaborava como podia. Levava bilhetes de um grupo para outro, ajudava em ações e até mesmo assaltou alguns mimeógrafos – apesar de não saber para quê foram usados. Percebeu que tinha mais jeito para comunicação e trocou a física pelo jornalismo. Trabalhando na revista *Veja*, participou da publicação de duas matérias de capa que denunciavam a tortura no Brasil. Fez também um dossiê sobre o assunto, com o irônico objetivo de ajudar o ditador Médici, que bradava ser contra aquela forma de violência, a extinguir a prática cada vez mais disseminada no Brasil. Se não houve censura antes da publicação, a perseguição após a veiculação das matérias foi enorme. Acreditava que colegas da imprensa ficariam ao seu lado, mas estava errado. Com medo de que algo pudesse acontecer, aproveitou que a esposa estava em Londres e se autoexilou na Inglaterra.

Kucinski viveu a ditadura de perto. Mais que isso, conheceu gente que mergulhou e foi engolido pelas entranhas dos órgãos de repressão. É com base nas histórias dessas pessoas que escreveu *Você vai voltar pra mim*.

2.

A semelhança entre K. e a obra de Kafka é evidente, a começar pelo nome do protagonista, K, que remete a Joseph K., personagem principal de *O processo*. K está em busca de sua filha, Ana Rosa, e de seu genro,



Wilson, desaparecidos durante a ditadura. Já não tem esperança de encontrá-los vivos, mas quer os corpos, reivindica seu direito de cumprir os ritos e o luto necessários para que a morte possa ser, se não superada, ao menos aceita. Nessa busca, entra numa espiral de mandos, desmandos, informações, contrainformações e absurdos semelhantes aos vividos por Joseph K. Além disso, em todo momento a ditadura soa como a grande força superior que inspira medo e transforma vítimas em culpados – para Kafka, esse elemento estava em casa, como podemos comprovar em sua *Carta ao pai*.

Mas claro que não é só isso. K também luta contra a crueldade do desaparecimento súbito e sem registros – até mesmo durante o holocausto os soldados de Hitler ao menos anotavam os nomes das vítimas. Os capítulos alternam o foco entre K e outros personagens, como uma delatora construída com extrema complexidade, cuja participação é um dos pontos mais altos da obra. Também mostra os problemas da esquerda radical, seu totalitarismo, seus hábitos semelhantes aos praticados por aqueles que combatiam. No âmbito familiar, é uma narrativa sobre um pai que se aproxima e passa a conhecer muito mais sobre a sua filha – não só politicamente, mas também pessoalmente – apenas depois que ela desaparece.

### 3.

Ana Rosa Kucinski e Wilson Silva desapareceram em 22 de abril de 1974. Militavam pela ALN (Ação Libertadora Nacional) e sumiram quando repressores eliminavam pessoas que pudessem comprometer os de alguma forma. A bandidagem batia continência.

Bernardo Kucinski estava em Londres e só soube do desaparecimento da irmã e do cunhado quando seu pai foi encontrá-lo. A princípio, acreditavam que o sumiço poderia ser temporário. Porém, com o passar dos dias, das semanas, dos meses, primeiro

## Kucinski viveu a ditadura de perto. Mais que isso, conheceu gente que mergulhou e foi engolido pela repressão

a angústia e depois o desolamento aumentavam na proporção inversa à esperança de acharem Ana e Wilson vivos. Investiram dinheiro, contataram gente em diversos lugares do mundo, vasculharam todas as pistas que surgiram, mas elas sempre vinham acompanhadas de algo estranho, como uma força maior que misteriosamente as alteravam e impediam que se aproximassem de alguma verdade. O espectro ditatorial parecia atuar em todas as instâncias.

A violência contra a família e contra Ana não se encerrou no desaparecimento em si. Depois disso, ela passou a ser tratada por muitos como uma mera comunista, como alguém que mereceu sofrer o que sofreu. Nem mesmo na USP, onde dava aulas, recebeu um tratamento respeitoso. Após uma decisão tomada por seus colegas, foi destituída de seu cargo por abandono de emprego, como se não ir ao trabalho fosse uma opção sua, não uma consequência de seu assassinato, de um crime político. O caso ainda é uma chaga na história da universidade.

No ótimo *K*, Kucinski romanceia a história da busca de seu pai por sua irmã e se aprofunda nessas questões que envolveram o pós-morte de Ana.

### 2.

A abordagem que Kucinski utilizou em *K*, a tragédia vista sob uma perspectiva próxima, mas não grudada, a um pai que perde sua filha, o transforma em um livro esteticamente mais interessante do que *Você vai voltar pra mim*. Contudo, ambos são fundamentais – aliás, qualquer obra bem escrita sobre a ditadura é fundamental. Retratam um período que ainda não se esgotou, que vive nos alagoes impunes que continuam por aí, nos mais variados tipos de vítimas e, o que é mais preocupante, em seus entusiastas.

Mas a relevância vai além. Todas as atrocidades representadas nas obras de alguma maneira eram justificadas por conta da vítima ser “subversiva”, algo bastante semelhante com o que temos hoje, quando alguém pode ser espancado por dez policiais em uma manifestação, afinal, se estava lá, é “baderneiro”, ou preso ao poste com um cadeado de bicicleta, já que é “bandido” mesmo. O ser humano continua sendo descartável no Brasil, só mudaram os adjetivos.

Um dos melhores trechos de *K* vai ao cerne da questão, flertando com a humanização dos animais e animalização dos humanos: “Mandou comprar essa ração de trinta paus o quilo, mais cara que filé mignon; o pior foi ontem, quanto eu falei em sacrificar a cadela, levei o maior esporro, me chamou de desumano, de covarde, que quem maltrata cachorro é covarde; quase falei pra ele: e quem mata esses estudantes coitados, que têm pai e mãe, que já estão presos, e ainda esquarteja, some com os pedaços, não deixa nada, é o quê?” – haviam acabado de matar os donos da cadela, agora deveriam cuidar bem do bicho.

### 3.

Kucinski acredita que no Brasil a ditadura não tem o tratamento que merece. Crê que o brasileiro, de uma maneira geral, não se envergonha de um dos períodos mais asquerosos de sua história, que encara as perseguições, torturas, mortes e sumiços como algo necessário para aquele momento. Evoca países que protagonizaram tragédias semelhantes, ainda que de proporções distintas, e tentam se retratar com o passado, como a Alemanha e a necessidade de reafirmar constante que o holocausto foi um erro gigantesco, como outros países da América do Sul, que julgaram, condenaram e prenderam ditadores e seus capangas fardados. Aqui não. Apesar da Comissão da Verdade, o esforço é pequeno, como se não quisessem incomodar os velinhos que ainda exercem influência e, mais do que isso, são admirados por membros das Forças Armadas e de parte representativa – e poderosa, principalmente – da população.

### 16.

Mas essa é a visão macro, a visão do país, do povo. Há ainda a visão micro, o eu, a tragédia particular. Essas Kucinski começa a de alguma forma superar. Depois de ser compulsoriamente aposentado pela USP, onde era professor, e de se desiludir com o jornalismo que pende cada vez mais para o lado de quem detém o poder, resolveu escrever ficção – garante que ela permite uma maior reflexão sobre a condição humana.

Enquanto conversamos sobre sua relação com o período ditatorial, sobre sua irmã, seus olhos permaneceram vermelhos como o uniforme da seleção polonesa – representante do país onde seu pai nasceu. Às vezes os esfregava com as mãos, com força, apertava-nos, mas nenhuma lágrima se despreendeu do seu marejado globo ocular. Sua aparência, seu sentimento, só mudou quando falamos de literatura. Sorri para dizer que descobriu a maravilha que é inventar ou recriar histórias, mas lamenta ter começado muito tarde – ele é de 1937. Arrisca-se em diversos gêneros, experimenta-se com o estilo de outros escritores, passeia por temas, descobre-se como autor. “Rompi com a razão racional, fui para a razão humana”.

Por que optou por começar escrevendo sobre a ditadura? Porque era o que ainda estava – está – latente dentro de si. Enxerga *Você vai voltar pra mim* como um livro bastante forte, mas escrito com a cabeça, enquanto diz que *K* foi feito com suas entranhas. Dessa forma, com a cabeça, com as entranhas, Kucinski encontrou nas palavras uma forma para cuidar de seu passado.

## ENTREVISTA

## Marco Lucchesi

# Sem fronteiras entre a biblioteca e o mundo ao redor

Em sua tomada do romance, poeta, ensaísta e membro da ABL lança mão da história para imprimir densidade à construção poética dos seus personagens machadianos

FOTO: DIVULGAÇÃO



Entrevista a **Yasmin Taketani**

**Não são raros** os personagens históricos – ou anônimos da história – que dão origem a obras de ficção. Em *O bibliotecário do imperador* (Biblioteca Azul), no entanto, Marco Lucchesi não apenas narra o caso real da morte de Inácio Raposo, responsável pela coleção de livros de dom Pedro II, mas a investigação de um pesquisador em torno da figura de Raposo – e livrarias, bibliotecas e personagens do Rio de Janeiro do final do século 19. Em meio a cartas e documentos que o narrador nos apresenta, e através da própria estrutura narrativa, entramos num jogo que turva os limites entre história, ficção e memória à medida em que este narrador é contaminado por seu personagem

e o contrário também acontece: descobrir os fatos que cercam a história e a tragédia final do bibliotecário não é mais suficiente.

Apesar de ter utilizado a ficção “para preencher algumas lacunas da realidade” – como em *O dom do crime* (Record), livro que dialoga em temas e estilo com a vida e a obra de Machado de Assis –, para Lucchesi não se trata de desenhar um romance histórico, mas se colocar no espaço de risco e liberdade pelo qual entende a literatura: “Simplesmente lanço mão da história como um mote, como volume de certo conjunto em que busco à narrativa certa densidade poética”, diz nesta entrevista. A seguir, o poeta, escritor e ensaísta fala sobre a construção do novo livro, bibliotecas e a associação entre conhecimento, literatura e poética.

**Tanto *O bibliotecário do imperador* quanto seu romance anterior, *O dom do crime*, têm em personagens e fatos reais, do período do fim da monarquia no Brasil, sua base. Existe algum interesse específico por este período?**

Sim e não. Precisava de um segundo romance que dialogasse com o primeiro. *O bibliotecário* agasalha uma cronologia mais recente que o *Dom do crime*, que se desdobra no arco do Segundo Reinado. Queria que ambos os livros realizassem um feixe de aproximações, apesar de narrativamente irreduzíveis. Sem dúvida o século 19 literário no Brasil é de todo fascinante.

**E o que o levou não apenas a tratar de fatos e personagens históricos, mas colocá-los de modo a fazer o leitor questionar os limites entre história, realidade, memória e ficção? Para além do livro, na sua opinião, onde está o limite entre realidade e ficção?**

Meu interesse narrativo não habita propriamente o romance histórico. Preocupo-me antes com a poética da história, o vigor das formas possíveis, realizadas ou não. Gosto mais da segunda hipótese. Lembro de Huizinga, diante da possibilidade de Napoleão ter vencido a batalha de Waterloo. Como seria o destino da Europa? Meu foco não abrange esse quadro monumental, antes aponta e fixa aqueles fatos pequenos e esquecidos. Quanto menor a escala da história, maior o coeficiente ficcional.

**A certa altura do romance, o autor-narrador busca “adiar” a morte de Inácio – ou ao menos sua narração. Até que ponto o senhor se permitiu apropriar-se do personagem, defini-lo e a sua história? Como foi lidar com um personagem real e um personagem-narrador que leva o nome de Marco Lucchesi e guarda semelhanças com o senhor?**

Uma tensão de fato. Deter o relógio da narrativa a fim de reunir as pontas de uma geografia perdida ou promover um encontro impossível. O eixo do tempo determina parte da história, sobretudo quando o real se imagina (o narrador) e o imaginado se realiza (a figura de Inácio). Trata-se de um processo de

“Meu foco não abrange esse quadro monumental, antes aponta e fixa aqueles fatos pequenos

inversão permanente nos dois romances, tornado mais forte em *O bibliotecário*. O modelo é antigo. E de certo modo começa com a obra maior de Cervantes, de que tudo derivou, quando dom Quixote vai se tornando Sancho, à medida que o romance avança, e o contrário disso também, quando Sancho vai adquirindo traços de dom Quixote.

**A mudança de regime político e a impossibilidade de Inácio Raposo cumprir sua tarefa — zelar pela biblioteca do imperador, contra ladrões e traças, pela unidade da coleção — tiveram um impacto terrível em sua vida. Por quais mudanças e adaptações acredita que bibliotecas e bibliotecários terão que passar a partir dos avanços tecnológicos? Sua atribuição principal mudará?** Vivemos hoje a multiplicidade de suportes. Não uma guerra. A tecnologia não exclui o acervo físico, nem chega a propor tampouco o descarte do real pelo virtual. Se o primeiro sofre com a umidade, acidez do papel, incêndio, traças e cupins, o segundo exige renovada migração de tecnologias, como preservar a memória virtual e como defendê-la dos hackers, online. Precisamos fazer a apologia da preservação em nosso país, sem cessar, sobretudo no âmbito das bibliotecas públicas, com maior volume de recursos. E aqui me refiro ao acervo e a seus profissionais. Investimento que, se não gera visibilidade política, produz dividendos imateriais de altíssimo valor. Avançamos neste setor, mas há muito que fazer. Estamos sempre no vermelho.

**Além de dom Pedro II, o general chileno Augusto Pinochet é exemplo de homem que não passou para a história como um sábio, mas investiu numa biblioteca particular com cerca de 55 mil volumes, alguns até mesmo tomados do acervo público ou que constavam de sua própria lista de livros proibidos para a população. Em outra escala, muitos leitores insistem em abrigar mais títulos do que conseguirão ler em suas vidas. Que fascínio as bibliotecas exercem sobre nós? É uma forma de concretizar o conhecimento? O que um conjunto de livros diz — ou esconde — de fato sobre seu proprietário?**

Antes de mais nada, há um abismo intransponível entre os dois nomes. Dom Pedro foi um habitante da biblioteca, um leitor voraz e apaixonado. Em outros casos, há bibliotecas que parecem latifúndios, ao mesmo tempo vastos e virginais, cujos volumes dormem eternamente. Podíamos comparar as bibliotecas de Ruy Barbosa e de dom Pedro: paralelo interessante que constituiu certa parte do imaginário brasileiro, fronteira entre a República e a Monarquia, entre duas formas de ler o Brasil. Mas claro, concordo em cheio com a sua questão. Volume de conhecimento não gera sabedoria. A erudição que não se interroga e que não se deixa atravessar pela beleza da luz apolínea e, portanto, poética, não produz uma forma de conhecimento real. Não se trata de volumetria, mas de articulação. Como dizia Vico — e depois Nietzsche —, é preciso passar da filologia para a filosofia,

do material disperso a um princípio geral que o organize.

**E como é a sua biblioteca? Quais gêneros, autores, períodos constituem seu principal interesse?**

É uma biblioteca de leitor. Tenho algumas obras raras (um bom número, talvez), mas estas não formam sua identidade. Tenho livros anotados, sublinhados, de muitas partes do mundo. Alguns trazem meu *ex-libris*. Boa parte dos quais autógrafos. Mais de 80% anotados.

**Um crítico sugeriu que o prefácio e as notas do Revisor, personagem que retorna à narrativa denunciando “falhas” da obra — como o autor que “ama citações” e “gosta de mostrar o que leu” —, em *O bibliotecário do imperador*, podem ser tanto uma provocação como refletirem suas preferências literárias e inquietações em relação ao livro. O senhor concorda com a segunda proposta? Foi este o caso?** A ideia do Revisor responde pela estrutura do livro. Confesso que não li a crítica em questão, mas não sinto nenhuma inquietação ou dúvida. O alvo é outro e se pode bem acompanhar nas páginas do livro. Sobretudo a ironia, quanto à ideia de um romance histórico. Um endereço que não procurei com meus livros.

**O senhor diz que na juventude procurava, em obras de diversas áreas, por respostas, por Deus. A criação literária dá continuidade a esta trilha? O que deseja obter da escrita de poesia e ficção?**

“Amo intensamente o que não me é, as feições misteriosas do outro. A alteridade é um princípio, um polo magnético

Se não estiver errado, essa abordagem vem de um livro que escrevi na juventude, intitulado *Saudades do paraíso*. Tratava de meus quinze anos, quando a dúvida e a incerteza queimavam a garganta e não me davam paz. Lia muitos livros de teologia e filosofia, tratados de lógica formal e dialética. Naquele mesmo livro abordei a crítica desse processo e de sua despedida. Porque para mim a literatura significou sempre um espaço de risco e liberdade, fora de qualquer compromisso e resgate de conteúdo.

**Hoje fala-se muito da especialização do conhecimento, enquanto o senhor possui uma formação e interesses amplos — história, literatura, línguas, filosofia, teologia, matemática, música, tradução, o clássico e o contemporâneo, ocidente e oriente. Como sua formação e seus interesses tomaram esse caminho?**

Amo intensamente o que não me é, as feições misteriosas do outro. O rosto e os olhos me são profundamente caros. A alteridade é um princípio de atração, um polo magnético. Não me interessei jamais em tesouros (aparentes) de uma perspectiva meramente erudita, marcada por um narcisismo vazio, de quem guarda para ostentar (como insiste meu “Revisor”). Disse mil vezes e repito que cheguei a chorar nos campos de refugiados de Sabra e Chatila, no Líbano, porque o árabe me ajudou a ver aquela região dolorosa, na companhia de velhos, mulheres e crianças, que me agradeceram de saber

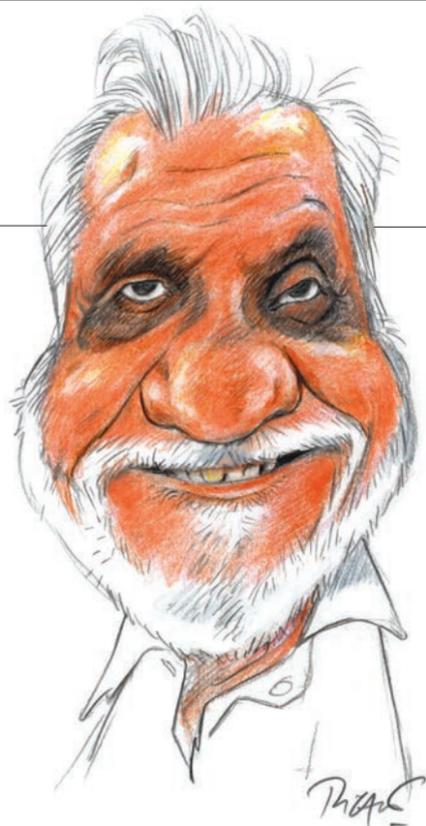
naquele momento doloroso uma língua transpassada de dor.

**Tanto em *O bibliotecário* quanto em *O dom do crime* o senhor se volta à história brasileira para fazer literatura. Mas e quanto à história da literatura brasileira? Ela está bem registrada?**

Há livros de grande relevo. Obviamente a história literária vive dos desafios de sua metodologia e recorte. Não tanto o catálogo, mas a proposição de estruturas e perspectivas. E, portanto, ela não cessa de escrever-se e nem poderia deixar de fazê-lo. É de sua própria condição. As monografias de alta qualidade ajudam atualmente na revisão e no alargamento do quadro ou sistema. E o registro das obras já não depende de um cartório central, mas de um conjunto de vozes, textos e janelas.

**O narrador de *O bibliotecário do imperador* afirma, a certa altura: “A vida e o livro são inimigos ferozes”. Como o senhor lida com esta questão?**

São as palavras de um narrador aborrecido com as poucas pistas sobre Inácio, enganado por Jurujuba, que erra de propósito algumas datas para confundir o buscador de Inácio. Eu mesmo descobri mais detalhes sobre o bibliotecário do que o narrador (mas decidi elaborar uma lógica de menos). De minha parte, não vejo como separar o livro do mundo e o mundo dos livros, a página do planeta e da história, a biblioteca dos homens e da natureza. Saímos dessas páginas e a essas páginas havemos de regressar algum dia.



## Raimundo CARRERO

# Literatura é imagem, cena e metáfora

A prosa de ficção se realiza sempre na construção das metáforas em movimento

A literatura brasileira não tem uma grande tradição no tratamento de romances – ou prosa de ficção – metafóricos, sobretudo na questão política, optando, quase sempre pelo documento, a sociologia ou a antropologia e o panfleto, deixando o artesanato de fora, apesar de autores monumentais do porte de Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Osman Lins ou até Machado de Assis no século 19.

Por isso, tornou-se comum tratar das questões da ditadura no panfleto, na denúncia pura ou sistemática, ou naquilo que se convencionou chamar de romance-reportagem e romance-denúncia, jornalismo com jeito de literatura que servia, diretamente, aos objetivos políticos. Numa trilha muito pessoal e particular, surgiu o escritor goiano José J. Veiga (foto), aí pela década de 1960, com seus romances metafóricos, de grande qualidade literária, mas hoje basicamente desconhecido dos leitores.

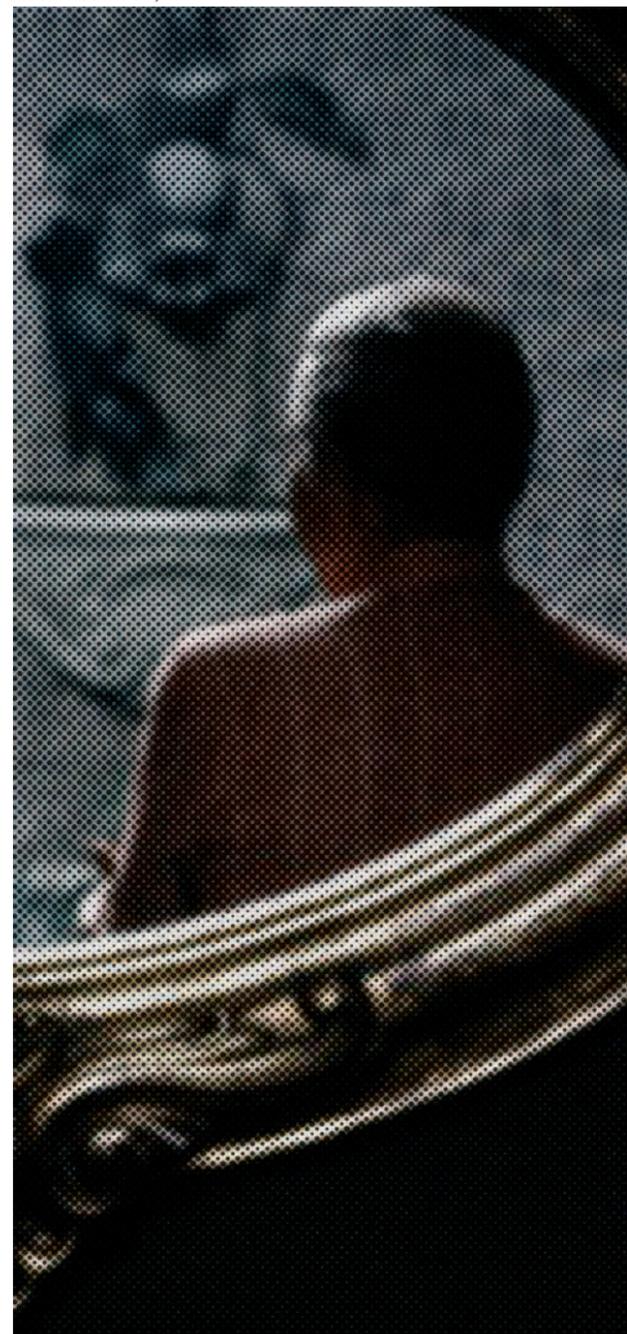
*Sombras de reis barbudos*, deste autor é um grande romance metafórico ou simbólico, como foi rotulado na época, embora seja um romance da mais alta qualidade. Conta a história de opressão, pânico e falta de liberdade numa cidadezinha do interior, pela ótica de um jovem e, por isso mesmo, ainda mais opressiva. Na falta de material analítico, a crítica chamou-o também de livro fantástico ou de literatura fantástica, embora a rigor não seja uma coisa nem outra. *Sombras de reis barbudos* é apenas um romance, e um romance de alta qualidade artística, como de resto são os romances de Kafka.

Quando Kafka diz na *Metamorfose* que K. acordou transformado num inseto está realizando aquilo que se pode chamar verdadeiramente de obra de arte. Se escrevesse que K. acordou angustiado, humilhado, derrotado, teria feito um bom texto, sem dúvida, mas não passaria de jornalismo ou de ensaio. O ensaio diz as coisas como elas são, num sentido direto e definitivo, mas a literatura inventa, recria, estabelece tensão artística. Transformar o personagem num inseto faz com que ele atinja um grau superior de interpretação, de invenção e provoca, sem, dúvida, um número imenso de interpretações.

Um homem angustiado e humilhado é só um homem angustiado e humilhado, com força literária, sem dúvida. Mas falta-lhe qualidade artística. A qualidade transformadora. Um inseto é, em si mesmo, um inseto abjeto, nojento; portanto, na visão humana, derrotado, asqueroso. Como imagem, e literatura é imagem, transmite a visão caótica e dramática do homem.

Assim também funciona a obra de Clarice Lispector, cuja força superior está nas imagens e nos símbolos. A personagem de *A paixão segundo G.H.* come e vomita uma barata. Não poderia haver imagem maior para definir o nojo e a rejeição do mundo. Se ela escreve que a personagem vomitava o mundo talvez construísse também um texto muito forte, mas estaria fazendo jornalismo, por mais estranho que pareça.

ARTE SOBRE REPRODUÇÃO



A literatura se realiza, assim, no plano dos signos e das insígnias. E quando se trata de literatura, é preciso estar atento. Quando escrevi *A história de Bernarda Soledade*, que marca o início da minha vida literária, queria, com certeza, me engajar no Movimento Armorial, mas precisava de elementos para criticar a opressão e o medo, sem necessariamente fazer um discurso jornalístico ou ensaístico. Era, também, e ao meu modo, uma crítica ao regime autoritário vigente. Por isso fui buscar os elementos da cultura popular nordestina. Nada mais enriquecedor e

Marco  
Polo

MERCADO  
EDITORIAL

### DIGITAL

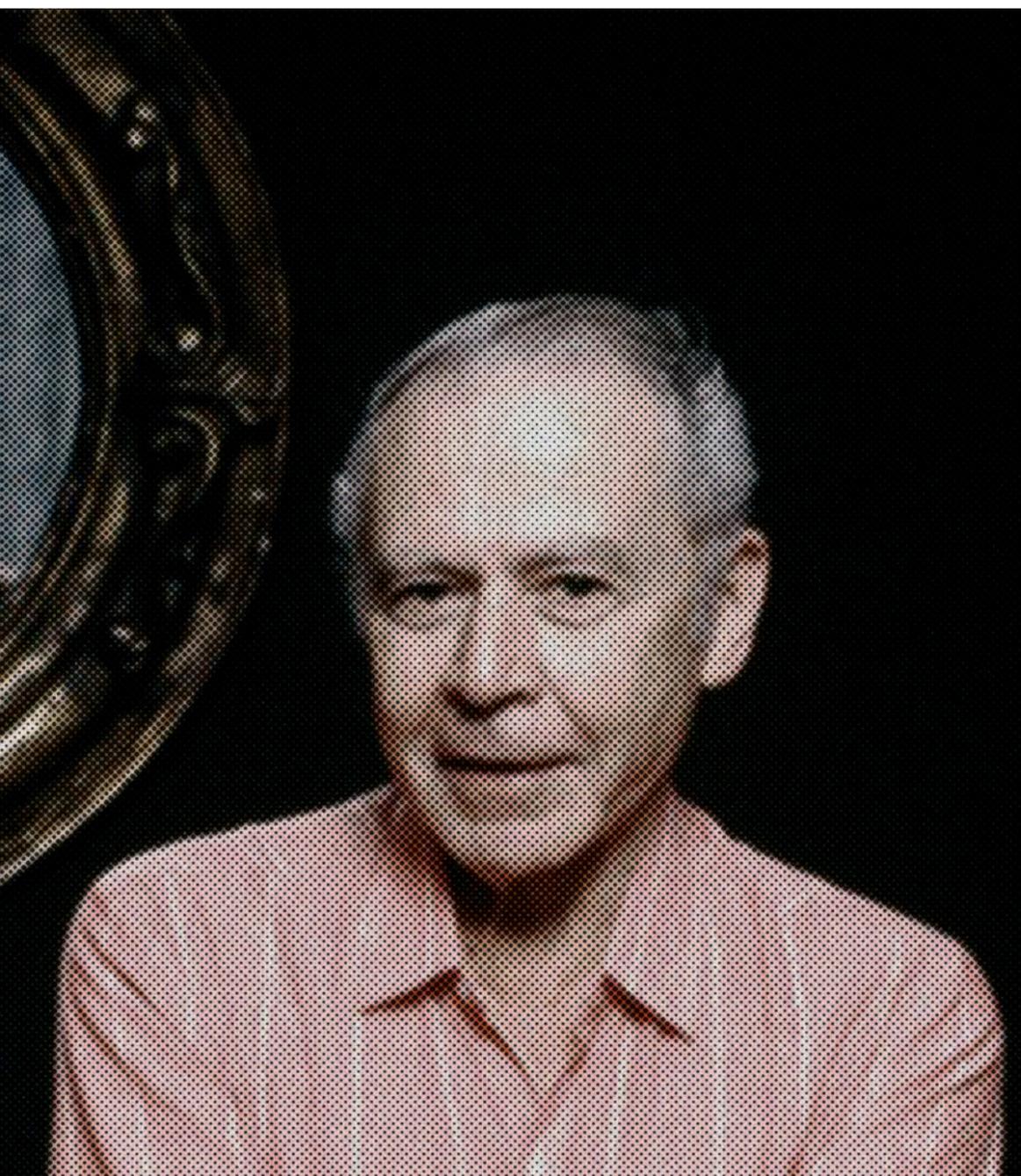
#### Poeta Malungo lança livro *Digitais* em CD com 151 poemas, textos críticos, fotos e declamação de poesia

José Carlos Ferreira da Silva, mais conhecido como O Poeta Malungo (foto), lançou recentemente seu livro *Digitais* (em CD), com 151 poemas, mais uma fortuna crítica assinada por Bráulio Brilhante, Raimundo Carrero, Cida Pedrosa, Wilson Araújo, Marco Polo Guimarães, Francisco de Paula Machado e Antônio de Campos, entre outros. Há ainda um álbum de fotos

do autor com amigos e um recital do próprio, dizendo 56 poemas. Malungo (que na gíria dos negros escravos significava companheiro) faz parte dos poetas declamadores de rua recifenses, como Miró e Lara. Sua poesia é essencialmente urbana, onde se mesclam elementos pop com imagens originais e expressivas. Contatos com o autor pelo e-mail [poetamalungo@yahoo.com.br](mailto:poetamalungo@yahoo.com.br).

BELISA PARENTE/ DIVULGAÇÃO





verdadeiro. Segui, de propósito, as lições do mestre Ariano Suassuna, de quem sou discípulo orgulhoso.

Usei, em primeiro lugar, a figura feminina de Bernarda para evitar o lugar-comum do coronelismo sertanejo, de forma a criar uma imagem do poder e, mais ainda, da sedução do poder. Ao lado dela coloquei outras duas mulheres – Inês e Gabriela, significando aí a liberdade – Inês aparece, quase sempre nua e desafiadora –, e a loucura do sonho e da ilusão – Gabriela é uma velha que atravessa os campos cantando, com os braços levantados, sempre vestida de noiva.

Bernarda impõe o que ela chama de ordem, exige que todas as terras e que todos seus animais sejam seus. Torna-se dona de todos os homens e de todas as mulheres. Além disso, os animais têm vida depois de mortos. Uma história metafórica, que a editora francesa chama agora de “um *western* brasileiro, com toques de realismo mágico”.

O que importa, para mim, é que a literatura, a verdadeira e sagrada literatura, se realiza no plano artístico do simbólico e do metafórico, tornando possível o sonho e a ilusão.

## LIVRARIA

### 7 Letras abre livreria para obras de pequenas editoras

A editora 7 Letras, que nasceu de uma livreria e tornou-se a pioneira das pequenas editoras brasileiras, reintegra seu formato inicial. Jorge Viveiros de Castro, que está à frente do projeto, abriu, no início deste ano, na Rua Visconde de Pirajá, 580, loja 320, Ipanema, uma pequena loja onde comercializa as produções de sua editora e também de outras que tenham projetos afins.

## ANTOLOGIA

### Coletivo interiorano Silêncio Interrompido junta poetas de cidades do interior do norte do Estado em antologia

O coletivo Silêncio Interrompido, que na última década promoveu diversos eventos culturais nas cidades da região norte de Pernambuco, transformou-se em Edições Silêncio Interrompido, para publicar o livro *Goiana revisitada*, uma antologia com poetas de Timbaúba, Itambé, Condado e Goiana. O título faz referência ao poema *Lisbon revisited*, de Fernando Pessoa. Estão

preentes Ademauro Coutinho, André Philipe, Aluizio Fidelis, David Borges, Geisiara Lima, Francisco Neto, José Torres, Marcelo Arruda, Rodrigo Rodrigues, Philippe Wollney, Sandro Gonzaga, Sebastiana de Lourdes, Thiago Albert, Vidal de Souza, Wander Shirukaya e Wendel Nascimento. A edição, muito bonita, por sinal, foi patrocinada pela Fundarpe, através do Funcultura.

A Cepe – Companhia Editora de Pernambuco informa:

## CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIÇÃO DE ORIGINALS PELO CONSELHO EDITORIAL

- I** Os originais de livros submetidos à Cepe, exceto aqueles que a Diretoria considera projetos da própria Editora, são analisados pelo Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:
1. Contribuição relevante à cultura.
  2. Sintonia com a linha editorial da Cepe, que privilegia:
    - a) A edição de obras inéditas, escritas ou traduzidas em português, com relevância cultural nos vários campos do conhecimento, suscetíveis de serem apreciadas pelo leitor e que preencham os seguintes requisitos: originalidade, correção, coerência e criatividade;
    - b) A reedição de obras de qualquer gênero da criação artística ou área do conhecimento científico, consideradas fundamentais para o patrimônio cultural;
  3. O Conselho não acolhe teses ou dissertações sem as modificações necessárias à edição e que contemplem a ampliação do universo de leitores, visando a democratização do conhecimento.
- II** Atendidos tais critérios, o Conselho emitirá parecer sobre o projeto analisado, que será comunicado ao proponente, cabendo à diretoria da Cepe decidir sobre a publicação.
- III** Os textos devem ser entregues em duas vias, em papel A4, conforme a nova ortografia, em fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaço de uma linha e meia, sem rasuras e contendo, quando for o caso, índices e bibliografias apresentados conforme as normas técnicas em vigor. As páginas deverão ser numeradas.
- IV** Serão rejeitados originais que atentem contra a Declaração dos Direitos Humanos e fomentem a violência e as diversas formas de preconceito.
- V** Os originais devem ser encaminhados à Presidência da Cepe, para o endereço indicado a seguir, sob registro de correio ou protocolo, acompanhados de correspondência do autor, na qual informará seu currículo resumido e endereço para contato.
- VI** Os originais apresentados para análise não serão devolvidos.

Companhia Editora de Pernambuco  
Presidência (originais para análise)  
Rua Coelho Leite, 530 Santo Amaro  
CEP 50100-140  
Recife – Pernambuco

**Cepe**  
COMPANHIA EDITORA DE  
PERNAMBUCO

Secretaria  
da Casa Civil



**PERNAMBUCO**  
GOVERNO DO ESTADO

CAPA

# Um vampiro em cada filho de família

Escritor sai em busca do Dalton Trevisan que ergueu a sua Curitiba pessoal

Luís Henrique Pellanda

**1** Era cedo e eu vinha do aeroporto Afonso Pena, trazendo o Sérgio Sant'Anna. Faz alguns anos, não lembro direito quando foi, nem quem dirigia o carro. Sei que era outubro e fazia um frio moderado. Quando passamos pelo portal de São José dos Pinhais, o Sérgio olhou a silhueta de Curitiba lá longe, aquele punhado de prédios na neblina, o postal duma cidade moderna congelada, e resolveu falar do Dalton Trevisan. Disse que o Dalton era o maior escritor brasileiro vivo. Que o cara tinha inventado a forma perfeita de escrever contos. Que o Dalton era o João Gilberto da literatura.

Estranhamente, aquele elogio, feito por um homem a outro homem, me envaideceu de um modo profundo e, admito, meio ridículo, o que não era novidade. Não sei se, hoje, o Sérgio terá uma segunda opinião, e é bem possível que tenha; só sei que, naquele dia e naquele carro, fui tomado por um orgulho antigo, já meu conhecido, algo que, envergonhado, ainda considero uma espécie provinciana de deslize. Não sou de me ufanar, abomino bairrismos, mas o Dalton sempre foi o meu fraco. E se, para o Sérgio, ele era o maior escritor brasileiro vivo, puxa, então éramos dois naquele carro e naquela manhã, e aquilo era muito natural, aquilo era a bossa, a onda, a batida do vampiro, inconfundível.

**2** Certa vez o José Castello perguntou ao Sérgio Sant'Anna de que maneira o erotismo e a violência do cotidiano interferiam na sua literatura tão livre, tão nova. E o Sérgio respondeu de forma curta e certa, embora quase evasiva: "O erotismo e a violência estão aí. Não dá para contornar". Adorei a resposta e a guardei numa gaveta da memória, para uso e prazer posteriores. Mas a frase ficou lá, parada, por bem pouco tempo, nem chegou a empoeirar. Saltou à luz dois dias depois de seu arquivamento, numa breve troca de mensagens entre mim e o Cristovão Tezza, durante suas férias no balneário de Gaivotas.

Ele me contava um caso da época em que o Dalton "falava normalmente com as pessoas". O Cristovão tinha uns 15, 16 anos, por aí, era ainda um projeto de dramaturgo e romancista, e já ia à Boca Maldita espionar a roda local de intelectuais que se confrontavam na Rua XV. Jamil Snege, Luiz Geraldo Mazza, Nêgo Pessoa, Walmor Marcelino, Nelson Barbudo e Fábio Campana, estavam todos na área, os artistas, escritores e jornalistas de Curitiba. E circulando entre eles, claro, o Dalton e sua aura de estrela, já autor de *Novelas nada exemplares* e *Cemitério de elefantes*. Na época, repito, em que o Dalton falava.

Se não fiquei sabendo o que ele dizia, é uma pena, mas tudo bem. Porque foi o Jamil quem disse a frase que o menino Cristovão jamais esqueceu: "Dalton Trevisan é incontornável". Sim, incontornável, pensei, exatamente como o erotismo e a violência naquela resposta curta do Sérgio para o Castello. Sim, Dalton Trevisan está aí, não dá para contornar. Tentem driblá-lo, perderam a bola.

**3** Às vezes encontro o José Castello na rua e tenho a impressão de estar interrompendo uma grave investigação. Moro a duas quadras da Boca Maldita, desço para almoçar e cruzo com ele, mochila nas costas, a caminho do restaurante, do correio ou de

casa. Traz dentro de si todos os livros do mundo. É peso, ninguém nega. Ele é um carregador de palavras, é sua ocupação desde criança.

O esforço é imenso e, não por acaso, num de seus trabalhos mais recentes, o Castello se dispôs a distribuir algumas dessas palavras entre outros escritores, decerto um alívio para ele. Palavras que, de algum modo, definissem a literatura e a busca de cada um. Ao Cristovão, portanto, foram dadas as palavras destino, perda, fatalidade, solidão. Ao Sérgio, inquietação, insatisfação, transgressão, sobrevivência, desvio. Ao Dalton, sangue, fome, ódio, miséria, inferno, banalidade, aberração, sofrimento, vazio, Curitiba. Assim, também eu pensei em dar, ao próprio Castello, uma palavra que lhe servisse de marca, fantasia ou brinquedo. E ela veio fácil: detetive.

O detetive Castello vive de nossa paixão pela dúvida e pelos segredos. É um especialista, e por isso pedi a ele que fizesse sua ronda por Curitiba como se a lesse num conto do Dalton; na verdade, eu queria descobrir a razão daquele meu orgulho antigo, e talvez o porquê de eu próprio apreciar tanto o vampiro. Não demorou e recebi um relatório profissional: "Parece que a Curitiba do Dalton – pequena, secreta, cheia de personagens estranhos – sobrevive na Curitiba real. Uma cidade não é uma coisa só. Várias cidades habitam a mesma cidade. Creio que o grande saque do Dalton é o seu gosto pelo pequeno e pelo secreto, é trazer à luz aquilo que normalmente não vem à luz na 'grande literatura'".

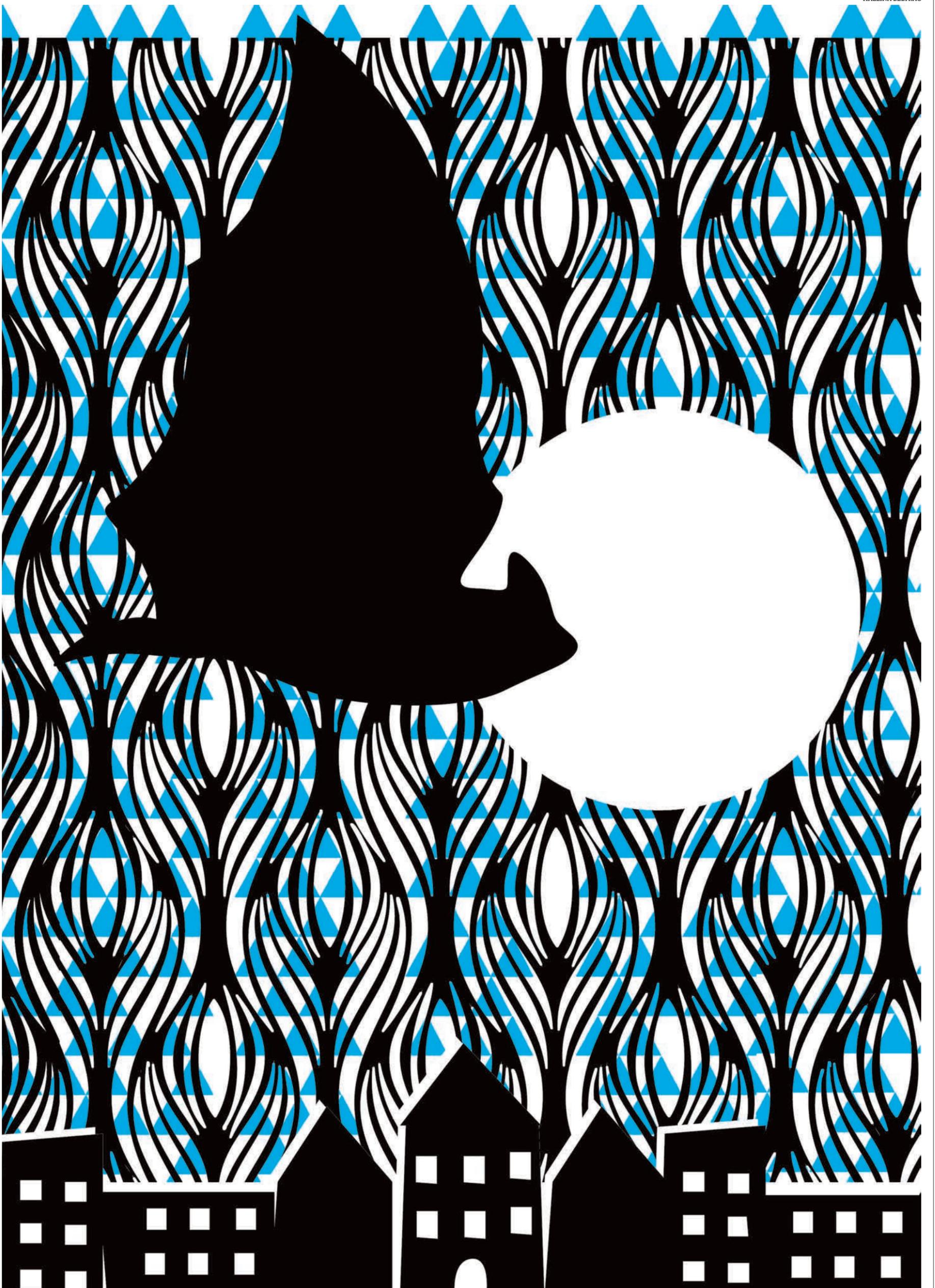
O pequeno, o secreto, o mítico. Faz sentido. Dalton Trevisan é mesmo um clássico das miudezas. O que leva o detetive Castello a deduzir: "Os clássicos oferecem ao leitor não necessariamente o 'novo' – no sentido de ruptura, de choque – mas um mundo particular que tem suas próprias regras, sua própria moral (ou ausência de moral), seu próprio espírito. O Dalton é um escritor absolutamente dono de si. Para as novas gerações, ele ensina sobretudo isso: ou você toma posse de si mesmo, ou não escreve nada que preste".

Posse. Marra. Outras palavras adequadas ao Dalton. Mas, entre bons autores e leitores, um caso nunca estará encerrado. E o detetive continua na pista.

**4** Só hoje me dei conta: quase nunca conversei com o Miguel Sanches Neto a respeito do Dalton. Ao menos não me lembro de haver conversado, e de pronto me arrependo disso, pois reconheço nele um leitor verdadeiramente apaixonado. Um indício: pergunto ao Miguel como foi sua experiência inaugural com o vampiro – a leitura de *Cemitério de elefantes* –, e ele me descreve um processo quase que de enamoramento: "A impressão foi primeiro de raiva, pois era algo totalmente diferente do que eu identificava como literatura. Li mais de uma vez, e fui sentindo a força daquela gramática esburacada que caracteriza o seu estilo, fui aprendendo a reconhecer o estado extremo de oralidade de seus textos, a ser sensível à sua ironia cáustica. Nunca mais parei de ler Dalton".

Já escrevi aqui que a literatura do vampiro é inconfundível e incontornável. E, falando com o Miguel, ouço que ela é também intransferível: "Qualquer um que quiser se aproximar dele vai fazer apenas um pastiche tosco. Como linguagem, é uma literatura essencialmente curitibana, com um vocabulário

HALLINA BELTRÃO



## CAPA

próprio, mas de uma Curitiba recortada por um olhar idiossincrático”.

Vou até a minha biblioteca, onde guardo todos os livros (não renegados) do Dalton. Apanho o meu exemplar de *Cemitério de elefantes*, também a primeira obra do autor lida pelo Castello, ainda garoto, no Rio de Janeiro. Folheio o volume fino, aleatoriamente, numa checagem meio vadia, uma revisão de meus espantos juvenis. Das frases que reencontro, anoto: “Todo filho é uma prova contra o pai. (...) Filho, meu filho, desiste de lutar contra mim. Há mais de mim em você que de você mesmo”.

Impossível é fazer do Dalton uma figura paterna, será uma batalha inútil. Ele recusa quaisquer responsabilidades ou estereótipos patriarcais, dificilmente saberá lidar com o amor de tantos filhos. Um de seus maiores legados, diz o Miguel, é essa sua capacidade de evitar a oficialização de seus contos e de sua figura como autor. E o Dalton nunca será mesmo uma “autoridade”, não no sentido tradicional da coisa. “Ele mantém uma rebeldia que é eternamente jovem, mesmo quando seus textos parecem se repetir. E há também um uso erótico da linguagem. Escrever para ele é um permanente estado de gozo estético”.

A luta do Dalton, acho, é por essa independência, essa liberdade estética. Uma teoria simplista, eu sei. Mas ao mesmo tempo o Dalton refuta a ideia mais convencional de libertação, a da abertura do claustro, a passagem da escuridão à luz. Quando se isola, quem sabe procure apenas se manter distante daquele personagem tão pouco heroico, o aldeão ambicioso com a estaca, ou seja, todos os outros, nós, os supostamente vivos, com nossos desejos e nossas tochas.

5

De acordo com o *New York Times*, Miguel Sanches Neto, moço, seria o leitor ideal da obra do Dalton. Vejamos a opinião do professor Michael Wood: “A reação que se tem ao ler Trevisan é uma espécie de raiva. Raiva da perfeição da discrição do escritor, de sua absoluta invisibilidade moral, quando sabemos que ele deve estar espreitando, escondido atrás de seu estilo. Mas essa raiva, supõe-se, é exatamente o que Trevisan quer dos seus leitores”.

6

Eu era pouco mais que uma criança e visitava a casa de meus padrinhos em Fazenda Rio Grande, na região metropolitana da capital paranaense. Na falta do que fazer, examinava a prateleira das leituras escolares de minhas primas mais velhas. E ali o susto: um livro chamado *O vampiro de Curitiba*. Minha vida futura se desenhou naquele momento, quando conheci o Nelsinho, gritei 24 horas e desmaiei feliz. Então era possível escrever livros sobre Curitiba? Que ingenuidade a minha: eu ainda não sabia que todos os livros falam de Curitiba.

7

No colégio, a leitura compulsória do Dalton, valendo nota, podia terminar mal. Muitos pais eram contra, como seria possível uma Curitiba daquelas? Era putaria demais, pornografia demais, um exagero de palavras feias, um excesso de gente pobre, onde já se viu alguém ser educado por essa gente e essa linguagem? Eram as queixas que chegavam à diretoria, era o que eu ouvia no recreio, a justa queixa das meninas limpas. De minha parte, tudo bem, e eu me sentia alegremente sujo, isso o Dalton me deu. Mas ele era comparado, vejam só, ao José Mauro de Vasconcelos de *Meu pé de laranja lima*, um mero desbocado, cultor de palavrões – só que o Dalton era pior, muito pior. E por quê? Porque ele estava vivo, ora, vivo e morando ali, ó, no Alto da Glória, é só você subir a Amintas. Morre, Dalton, vaso ruim!

8

Domingo de chuva, eu aqui na Ébano Pereira, registrando essas conversas ligeiras sobre um homem de quase 90 anos, o pré-carnaval pegando ali na Marechal, e o Guilherme Weber lá no calor de Patos, na Serra de Picotes, dirigindo o longa-metragem *Deserto*. Pois foi do sertão paraibano que o ator atendeu à convocação deste perguntador a longa distância, seu conterrâneo. Não sei, sempre senti no Gui um orgulho próximo ao meu, e por isso o incomodei no trabalho, o chamei para o debate.

HALLINA BELTRÃO



Ele topou. Afinal, o vampiro, nosso vizinho, além de inconfundível, intransferível e incontornável, é também irresistível. E se não o fosse, não passaria de um mendicante morto-vivo, um tipo meio franciscano de monstro.

Não, o Gui não lembra qual foi o primeiro conto do Dalton que leu. Mas lembra, como eu, menino, da incrível sensação de reconhecer sua cidade numa obra literária: “Escutar palavras como Curitiba, Boca Maldita e Praça Osório saindo de um livro era como me sentir pertencente a uma fábula, ou a uma parábola bíblica, estar inscrito no mundo das letras”.

Um paradoxo: ao nos revelar a realidade diabólica de nossa cidade, o Dalton nos tirou das trevas, nos pôs no mapa. Iluminou o nosso fundo de poço. Praticamente nos ensinou a ler – e a ler-nos. E mais, nos deu dentes capazes de rir e morder, foi com ele que perdemos nossa dentição de leite, experimentamos algum sangue. Estou com o Gui: “O Dalton revelou a vertente demolidora do humor curitibano através de um corte personalíssimo e um fraseado único para contar histórias. E é um humor engendrado no inferno, uma fantasia *dark* pulsando com um coração de cartum”.

Às vezes eu imagino o Dalton, vaidoso, sentado diante de um vasto espelho. Mas onde o seu reflexo? O que ele vê? Na impossibilidade de se enxergar, ou mesmo de admirar ou rejeitar a própria imagem, só lhe resta nos dar de presente a sua penteadeira. E aí é como bem notou o Felipe Hirsch: “Nos reconhecemos naquele maldito, feitos da mesma matéria. Temos que nos reconhecer em Dalton Trevisan. Assustadoramente, nos reconhecer. Esse é o choque entre nosso mundo escondido e o do vampiro.”

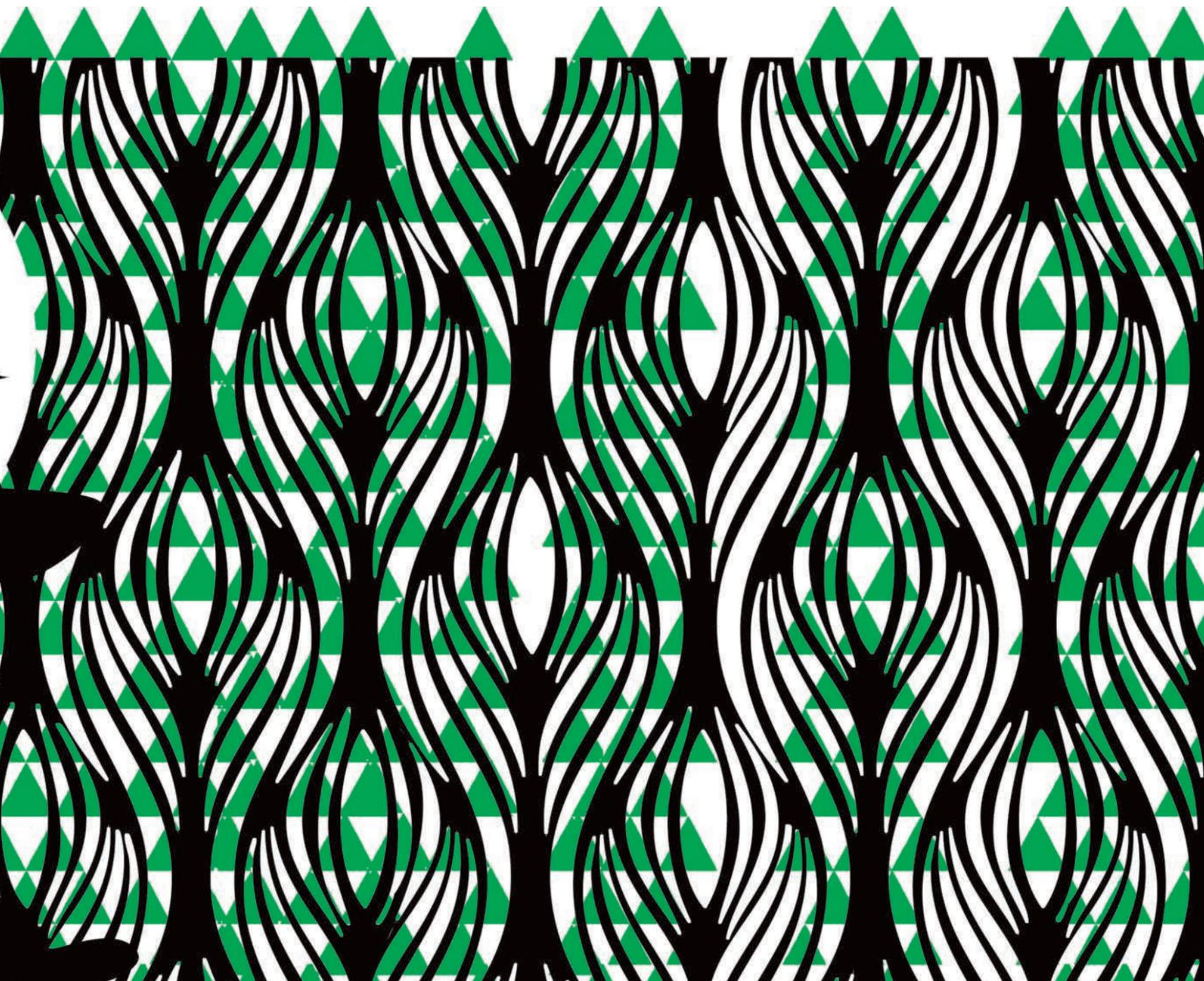
9

Foi o Felipe quem dirigiu *Educação sentimental do vampiro*, em 2007, um lindo espetáculo da Sutil. Que eu saiba, nunca veio a Curitiba, vá entender. Por sorte,

pude assisti-lo no Teatro do Sesi, ali na Paulista, numa noite em que metade da plateia estava tomada por jovens da periferia de São Paulo. Gostei muito, e eles também. E não esqueço uma cena especialmente delicada, em que o Gui e a atriz Maureen Miranda, nus, quase morriam de exaustão durante uma simulação de sexo.

Era uma sequência longa e ginástica, cômica e comovente, difícil mesmo, tanto de ver quanto de realizar. Primeiro ela nos provocava o riso e, minutos depois, uma leve e persistente desolação. Não lembro de que conto a cena foi extraída, e sei que estou sendo impreciso demais, mas lembro que o público reagiu bem àquilo tudo – ao seu próprio mal-estar. Ou será que sonhei com isso? Na verdade, não importa. Resgatei esse fragmento de espetáculo porque ele me remeteu a outro parecido, também baseado na obra do Dalton. É uma recordação bem remota, confesso, mas renitente e, como a anterior, muito semelhante à vaga encenação de um pesadelo.

Era 1990, acho, e fui assistir várias vezes à peça *Mistérios de Curitiba*, uma produção do Teatro de Comédia do Paraná, dirigida pelo Ademar Guerra. O conto levado ao palco talvez fosse “Visita à professora”, mas aviso, desde já, que posso estar enganado. Do ator que interpretava o Nelsinho, também não guardei nem as feições nem o nome, e peço perdão a ele, me desculpe, um quarto de século não é pouca coisa. O que interessa é que, em determinado instante, este homem cuja identidade me escapa caminhava até a frente do palco e, devagar, se despia para nós. Tirava a roupa de seu personagem, peça por peça, com calma e método, numa atitude mista de derrota e entrega, o olhar calculadamente perdido nas últimas fileiras do auditório. Ah, que silêncio no Salvador de Ferrante, os curitibanos prendendo a respiração, tentando controlar o pulso, meu Deus, teria ele a coragem?



Sim, teria. Pelado, o ator enfrentava o povo, e creio até que desfiasse algum texto retumbante. Que texto era esse, não perguntem, quem ouviu? Seu corpo nos ensurdecia. Alguns riam dele, outros é possível que o desejassem, ou odiassem, ou invejassem. Não sei. Mas descobri, naquelas noites geladas no Guairinha, que qualquer palavra de um autor imortal, diante da nudez de um único ator, perde muito do seu poder. E o Dalton sempre soube disso, dessa rendição do verbo diante da carne. Caso contrário, não teria escrito aquele seu famoso miniconto: “– Não fale, amor. Cada palavra, um beijo a menos”.

10

Em 2001, eu trabalhava na editoria de variedades do extinto jornal popular *Primeira Hora*. Às sextas, uma bênção: publicávamos a coluna do Dalton. Os taxistas da Praça Carlos Gomes me conheciam, eu era o repórter Pellanda, e alguns deles, de vez em quando, vinham me atazanar: “E aquele Dalton lá?”. Eu dizia: “O que é que tem ele?”. E eles: “É mesmo um vampiro?”. E eu: “O que é que você acha?”.

Tinha um, mais esperto, que duvidava: “Vampiro o caralho”. E como eu exigisse explicações, ele justificava seu ceticismo: “Fosse vampiro mesmo, não tinha essa frescura de ficar escrevinhando”.

11

A Assionara Souza veio de Caicó para cá aos oito anos. Retornou ao Rio Grande do Norte aos 17, estudar arquitetura na UFRN, mas aos 19 já estava de volta a Curitiba. Morava no Bairro Alto, perto da casa do ator Paulo Friebe, morto tão cedo, em 2006. O Paulão convidou a Assionara a participar do grupo de teatro que ele dirigia, o *Vida e Sonhos*. Ela foi. E aprendeu muito de literatura com o Paulão, que já tinha arrasado em *Mistérios de Curitiba* e era doido de babar pelo vampiro. E que grande ator não seria?

*“E aquele Dalton Trevisan lá?”. Eu dizia: “O que é que tem ele?”. E eles: “É mesmo um vampiro?”. E eu: “O que você acha?”*

Mas, ótimo, eu queria mesmo falar de teatro, e a Assionara veio me ajudar. Ela disse que foi a partir da dramaturgia que conheceu a escrita do Dalton de uma forma ainda mais impactante. “O Paulão estava no elenco da peça *O vampiro e a polaquinha* (também dirigida pelo Ademar Guerra, em 1992) e, às vezes, nosso grupo de fedelhos ia ver os ensaios daquele elenco de gigantes no *Novelas Curitibanas*. Foi aí que comecei a entender melhor Curitiba, pois a gente sabe que existem duas ou até mais de duas Curitibas: a província, o cárcere, o lar”.

Assistindo aquelas atuações, a Assionara concebeu uma verdade, ou a sombra de uma verdade, e hoje, escritora, com aquela sombra elaborou uma das teorias mais sensíveis que já ouvi sobre o Dalton e o alcance de seus personagens: “A literatura, quando chega com aquela força ao teatro, é porque já habitou muitos lugares e já habitou muitas pessoas”.

E, sim, a Assionara só pode estar certa, o vampiro é mesmo nosso habitante. É dentro de nós que dorme e se agita, à espera de alguma noite, qualquer uma.

12

O Dalton é primo da Dona Mercedes, avó paterna da Guta Stresser. E a Guta cresceu entre os livros do homem. Eram prateleiras e mais prateleiras de cordiais dedicatórias, coleções de autógrafos caseiros. Nisso, é evidente, a Guta já levava uma vantagem: desde muito pequena, pôde ler, do vampiro, o que bem quisesse. Naquela casa, o Dalton era item liberado para menores. E a família toda se orgulhava do parentesco com o escritor: ah, ter laços de sangue com o vampiro, um morcego dependurado na árvore genealógica, quem importaria restrições à curiosidade de uma filha tão talentosa? E foi assim que a menina se apaixonou por um parente torto.

Um dia a atriz Regina Bastos a chamou para conhecer o Ademar Guerra. Ele andava louco atrás de uma Polaquinha para a sua peça. Viu a Guta, ela fez o teste, ganhou o papel e um futuro. Na plateia, o Antônio Abujamra pirou, se apaixonou pela Polaquinha e a levou embora, para a sua companhia *Os Fodidos Privilegiados*. Sob a influência do vampiro, quase um demônio familiar, doméstico, a Guta conta que sua vida acabou mesmo dividida entre as siglas a. P. e d. P.: antes e depois da Polaquinha.

Cato a novela do Dalton na estante, a edição da Record (também tenho a do Círculo), e releio as orelhas consagradas do Otto Lara Resende. Para ele, e acredito que também para a Guta, a Polaquinha merecia o adjetivo “inesquecível” (ou inconfundível, incontornável, irresistível, intransferível). Confesso que também ela me marcou muito, a Polaquinha no livro ou a Polaquinha no palco, aquela “pobre moça”, como bem definiu

## CAPA

HALLINA BELTRÃO



o Otto, um dos destinos mais infelizes da nossa literatura. Mas, para mim, engraçado, a parte mais memorável de sua história é a que narra o primeiro orgasmo da guria, com o Nando. Um lampejo de alegria e beleza. De esperança, por que não? Ele olha para ela, surpreso, e diz: “Você está linda. Olhe no espelho. Esse ar escandaloso de felicidade”. Não lembro se a cena foi reproduzida na peça. Depois pergunto para a Guta d. P.

Por ora, me contento em voltar a uma frase específica, uma piada ou um enigma que o Dalton inseriu num texto chamado “Retrato 3X4”: “A Polaquinha sou eu”. E é bem capaz de ser. Afinal, Flaubert não era Emma Bovary?

### 13

“Ele é foda”, me disse o Caetano Galindo, e concordo com ele, o Dalton é foda mesmo, fechamos. “A singularidade dele é uma coisa que salta aos olhos de qualquer leitor, né? É uma voz única, que, no entanto, foi se dando o direito de mudar e de se reelaborar até radicalmente, nos anos 90, sem perder um grama de coerência”. Sim, soa como o testemunho de uma fidelidade. Capturado pelo vampiro das décadas de 60 e 70, foi no final do milênio que o Galindo virou um devoto do Dalton. E não esconde a fé: “Agora, no século 21, definitivamente acho que ele entrou num nível, numa situação de relação com a obra pregressa e com um espírito inovador e inquieto que nenhum outro escritor, aqui ou fora, jamais teve”.

É, também, o meu ponto. Essa juventude que não acaba. Algo que o Miguel já tinha apontado, ao chamar o Dalton de rebelde. O Galindo reforça a imagem: “O que ele tem a oferecer, sempre, é literatura de uma qualidade totalmente sem par, que parte de um projeto absolutamente único, e que hoje consegue juntar em poucas linhas o espírito de porco de um adolescente marginal-radical com

a consciência de um patrimônio literário próprio gigante e ainda relevante”.

É, ele é foda.

### 14

Era 1956 e o Dalton ia sempre à redação da *Gazeta do Povo*, garimpar casos. Ficou amigo do Roberto Muggiati, que lhe empurrou o *Nove estórias*, do Salinger. O Dalton contra-atacou com o *Ulysses* do Joyce. Vivia para cima e para baixo com um exemplar do *A skeleton key to Finnegans Wake*, de Joseph Campbell e Henry Morton Robinson. Caras modernos, todos eles. Para o Muggiati, a vida corria rápido naquela Curitiba, a Curitiba do Dalton. “Uma cidade mítica, que merecia ser mencionada pelo Umberto Eco em sua *História das terras e lugares lendários*.”

Mas uma cidade não é uma coisa só. Várias outras cidades a habitam, conforme as suspeitas do detetive Castello. O Muggiati explica: “O Dalton parte da cidade que conheceu na sua infância e adolescência, a Curitiba dos anos 1930, e a reelabora dentro do seu imaginário. De lá para cá, a cidade saltou de cem mil para dois milhões de habitantes – ou seja, inchou vinte vezes”. O caminho inverso dos textos do Dalton, que encolheram, desafiando a metrópole. Empolgado, o Muggiati segue dissecando essa relação áspera entre Curitiba e seu vampiro. Diz que o Dalton sempre soube como captar sutilmente as mudanças por que vem passando a capital do Paraná, e que também conseguiu retratar com perfeição a nossa vasta periferia, e as nossas cracolândias, sempre com alma de repórter policial.

Mas o Muggiati é também apaixonado por música, e por isso ouço uma analogia musical afinada, infalível: “O Dalton não ergueu uma série de monumentos, como, por exemplo, o Thomas Mann, com *Os Buddenbrooks*, *A montanha mágica*, *Doutor Fausto*. É como se sua obra fosse toda um *continuum* – como um caderno de exercícios para escritores, ou aqueles estudos para piano de Chopin e Lizst”.

E aí não escapo da lembrança do Drácula de Bram Stoker, aquele que ouvia os lobos lá fora e delirava: “Crianças da noite, que doce música é a sua!”.

### 15

Dias atrás procurei o Luiz Felipe Leprevost, em quem já pressentia um aliado vigoroso, e o estimulei a falar sobre o Dalton. Ora, o Leprevost é um artista romântico e impulsivo, dono de um coração espaçoso, e eu intuía que, dele, ouviria no mínimo uma declaração de amor – ou ódio, nada é impossível. Só não esperava um discurso profético tão extenso e caloroso como o que ele ensaiou. Para o Leprevost, o Dalton é “uma das mais fulgurantes cargas artísticas que a literatura brasileira e até mundial já conheceu”. Nada menos que isso. Não tenho condições de reproduzir, aqui, tudo o que ele disse, lembrou e previu, mas separei um trecho especial. Com a palavra, o vaticinador:

“O prazer de ler Dalton Trevisan nunca abandonará os seres humanos, enquanto houver seres humanos. O futuro lerá Dalton Trevisan como hoje lemos Shakespeare. Lemos para aprender, para tentar entender. Lemos porque ele refunda uma ideia de ser humano. Lemos para existir fora da barbárie. É uma História maior a que Dalton confeccionou, é a História da modernidade e sua continuação, que hoje estamos vivenciando, a História do século 20 entrada com lâminas sujas nas costas do 21. Viremo-nos com isso, com essa dolorosa beleza.”

### 16

Não resisti e fui atrás do poeta Ivan Justen Santana, outro meticuloso investigador das palavras, mas um investigador agraciado com altos poderes de absorção enciclopédica, principalmente quando o assunto estudado é a produção paranaense, seja de que época for. Esbarrei com ele nas redes sociais e, ainda querendo, intimamente, desenterrar as raízes do orgulho que senti ao ouvir o Sérgio Sant’Anna



elogiar o Dalton, resolvi aborrecê-lo com algumas perguntas. Disfarçando meus propósitos, quis saber do Ivan sobre a influência da Curitiba do vampiro, esta miragem literária, sobre a Curitiba concreta, pós-Lerner, pós-crack e pré-Copa.

“Sem dúvida, a Curitiba real sofreu e sofre até hoje esse impacto e essa influência do Dalton”, me devolveu o Ivan, de pronto. E, sem o saber, já levou a bola para onde eu queria: “É uma sensação ambígua, acho que mistura um orgulho e uma vergonha que eu hesitaria em chamar de ‘alheia’. Dentro da ideia geral que o inconsciente coletivo faz de Curitiba, uma parte substancial é a Curitiba que o Dalton retratou e reivindica da realidade”.

É nessa cidade interior, anfíbia, que a escrita daltoniana propicia ao leitor um encontro consigo mesmo. É aquele espelho com que o escritor nos presenteia, e que faz o Ivan concluir: “O Dalton nos oferece uma revelação de como é o ser humano, uma catarse do que não queremos que aconteça nas nossas vidas – e algumas coisinhas líricas que queremos que aconteçam também.”

**17**  
Vocês escutam por aí: Curitiba, a fria. Curitiba, boa moça. Curitiba, cidade-modelo. Curitiba, Cidade Sorriso. Curitiba, capital social. Curitiba, capital ecológica. Curitiba, cidade europeia. Curitiba, cidade de primeiro mundo.

E o Dalton escreve: Curitiba, uma cadela engatada que espuma, uiva, morde, arrastando o macho. A espada veio sobre Curitiba e Curitiba foi, não é mais, Curitiba, teu próprio nome será um provérbio, uma maldição, uma vergonha eterna.

A gente escolhe em quem acreditar.

**18**  
O Marcelino Freire ainda era piá quando leu o Dalton pela primeira vez, no Recife. No colégio, a

*“Dentro da ideia geral que o inconsciente coletivo faz de Curitiba, uma parte substancial é a Curitiba que o Dalton retratou”*

bendita professora lhe passou o *Cemitério de elefantes*. É claro que ele amou: decidiu até virar escritor. Culpa do Dalton, acusa o Marcelino. “Lembro quando conheci a sua obra, eu, um jovem de uns 15 anos. Fiquei ali, depois da leitura, olhando o teto e pensando no tanto de vida besta que eu ainda tinha pela frente. Dalton me ajudou a ficar atento. Meu coração, até hoje, agradece. E sempre bebe em sua fonte, bate em sua porta”. Foi o Dalton também quem lhe ensinou um segredo de ouro: “Escritor bom é desse jeito, não enche a paciência do leitor”.

E o Dalton não enche. Dizem que ele se repete, que reescreve sempre o mesmo conto, o eterno João, a famosa Maria, ai de nós. Mas a verdade é que ele não enche. Perguntem ao Marcelino e tomem bronca: “O pessoal confunde escritor com carro. Quem tem de ter versatilidade é carro, não escritor. Dalton escreve na dele, por dentro das entrelinhas, fazendo movimentos com a palavra.

É demolidora a construção de suas narrativas. Vai comendo pelas beiradas. Eu sempre digo que Dalton escreve na velocidade da sombra. Ele tem seu tempo, seu ritmo. Engana-se quem acha que ele está parado. Nunca vi escritor mais antenado com nosso tempo”.

Dalton é moço. E mais: é conciso, certo, moderno. Dalton não se demora. Dalton está além. Dalton é profundo, é denso. Dalton tem humor. Dalton provoca. Dalton é universal, o Marcelino garante: “A família que aparece nos contos de Dalton morava em minha terra, Sertânia. Os climas que ele cria são os climas que eu testemunhava ao meu redor. Desejos reprimidos, falsidades, abismos. Dalton entrava na minha casa, no Recife, e vasculhava tudo. Eu terminava de ler um livro dele, levantava a vista e os personagens estavam à minha frente: pai, mãe, vizinho, dores, amores, chantagens, redemoinhos. Dalton é um morcego em nosso quarto. Um vampiro de almas, voando em toda a parte”.

**19**  
Sempre o eterno João. Sempre a famosa Maria. Sempre o eterno João. Sempre a famosa Maria. Sempre o eterno João. Sempre a famosa Maria.

Dados oficiais. Em 2013, João e Maria foram os nomes de bebês mais registrados nos cartórios do Paraná. Diz que foram 11 mil crianças, credo. O eterno João, a famosa Maria. Eles continuam nascendo, ninguém os detém. João e Maria. Fabricantes de sangue fresco. A eternidade e a fama.

**20**  
Este ano o Dalton lança livro inédito, *O beijo na nuca*. Vai um parágrafo?

“A voz meio rouca: *Adivinhe o que eu tenho na mão?* ‘Bem, pode ser tanta coisa.’ *Bala de mel, seu bobo. Pra você que não merece*”.

## ENSAIO

# A vida é ligação, ainda que involuntária

Você não está tão só assim  
na multidão, avisa romance  
de Gonçalo M. Tavares

Reginaldo Pujol Filho

Frida Kahlo (1907-1954), pintora.  
Foto de Guillermo Kahlo (1926).



**Talvez este texto** não precisasse ser escrito. Gonçalo M. Tavares já produziu 34 instigantes notas refletindo sobre seu próprio livro, em um posfácio que propõe leituras, chaves (que abrem e nunca fecham, é bom dizer). As reflexões do autor já cumprem um papel de ampliar o livro, sugerir caminhos vários para desdobrá-lo. Porém, Gonçalo mantém-se fiel à utopia de criar máquinas de pensar. E eis o que ocorre em *Matteo perdeu o emprego*: a máquina funciona. Leio e surgem ideias, além ou a partir das propostas no posfácio. Pensamentos encadeiam-se uns nos outros a partir do livro, e meu texto que, talvez, não precisasse ser escrito, enfim, é escrito.

Só por brincadeira, talvez pudéssemos lembrar o fator Kevin Bacon. Na primeira parte do livro (são duas, uma com 25 narrativas; outra com as citadas 34 notas ensaísticas refletindo sobre o livro), lançado no Brasil pela Foz, um personagem se liga a outro, que se liga a outro e faz a coisa andar até chegar no personagem-título. Fator Matteo. A quantos personagens estou de Matteo? Por que não ir por aí?

Porque *Matteo perdeu o emprego* é mais que a estrutura. E propõe mais que um jogo de encaixe.

Embora seja verdade que apenas a estrutura do livro somada a algumas histórias já bastaria pra pensar e pensar sobre nossa vida contemporânea e tão autossuficiente com fones de ouvidos *full time*, *one man cars* e embalagens pequeninhas de leite pra não azedar na geladeira solteira. A obra (não posso chamar romance, contos, novela, obrigado, Gonçalo) na simples proposição (muitas vezes vista no cinema) de curtas narrativas, cada uma com um personagem que vive seu pequeno périplo e, súbito, toca em outro (como em máquinas de motocontínuo) que segue sua própria microjornada até tocar em outro, faz olhar com mais seriedade pro fator Kevin Bacon. Pra cidade. E pro mundo. Você não está sozinho, e não é porque o Obama pode ler meu texto enquanto escrevo, ou ver seus e-mails. É porque todos nos afetamos. A vida é ligação, mesmo involuntária, parece dizer *Matteo perdeu o emprego*.

Pensem no trecho protagonizado por Diamond, onde se lê “Quem fazia aquilo? Será que naqueles andares do topo não se tinha a noção de que embaixo estava uma escola, agora praticamente soterrada?”. Mais do que explicitar a óbvia relação da greve de lixeiros (tão Brasil 2014) que gera montanhas de lixo crescentes porque outros seguem produzindo lixo, mais do que essa óbvia ligação entre vidas urbanas, creio que o texto conduz a algo mais amplo e central nos dias que correm: teu gesto individual e inconsequente sempre será coletivo e terá consequências. Por mais que se diga que vivemos o império do indivíduo, é preciso recordar: há mais de 7 bilhões de indivíduos querendo imperar. Não é um Matteo isolado quem perde o emprego; nem é o outro quem está soterrado no lixo. É alguém como eu e, muito provável, tenho parte nisso.

Perceber-nos assim, ligados, remete a uma ideia presente na parte ensaística do livro: hierarquizar cidades como em uma tabela periódica. Esta simples imagem e a mecânica de ligações, me faz ver cidades (ou sociedades) como elementos químicos. Mais do que isso, elementos instáveis, muito instáveis, porque resultados das nossas ligações, desde as mais sólidas (famílias, amigos) até as mais efêmeras (o sujeito em quem esbarrei – ou não – na rua). Cada contato gera os fios das ligações que dão existência ao que chamamos rotina, cidade, cotidiano. No limite, *Matteo perdeu o emprego* me traz a seguinte ideia: cada um de nós como pequeno elemento químico pairando na constituição desse corpo-cidade.

Há um momento que ilustra bem isso: no texto *Goldstein e a tabela periódica*, lê-se que o personagem Gottlieb traz uma tabela periódica marcada em braille nas costas: “quando Gottlieb se despia à frente de outras pessoas ninguém percebia o que ele tinha nas costas. O que era evidente para as mãos do cego Goldstein, [...] para os outros [...] não era verdadeiramente uma tatuagem pois não tinha desenhos, palavras ou traços”. Leio e penso em como, dependendo do que oferecemos, formamos com cada pessoa um elemento novo; e também sobre a volatilidade das nossas identidades. Apesar de o RG dizer que temos uma só identidade e, muitas vezes, sofrermos tentando acreditar ou encontrar tal unidade, é evidente que se é um no trabalho, outro em casa, no trânsito, no casamento. Variamos como o hidrogênio ou o oxigênio, de acordo com as ligações. E essas fórmu-

JANIO SANTOS SOBRE FOTO DE DIVULGAÇÃO



las que vamos compondo constituem lógicas que formam a matéria na qual vivemos.

### A ARTE COMO EXPERIMENTO

E então penso na cidade e nas relações sociais como ligações de elementos (mesmo o estar passivamente ao lado de alguém no ônibus); e penso depois na arte contemporânea, aliás, no fazer artístico em geral.

Explico.

Gonçalo tem feito aproximações com a arte contemporânea. Seu livro mais recente, *Atlas do corpo e da imaginação*, traz uma íntima parceria com *Os Espacialistas* (coletivo português de artistas/fotógrafos/arquitetos), em que reflexão, texto e visual dialogam, compõem objeto e significado. Creio que o mesmo se dá em *Matteo*. Vejo um livro feito (em especial se o leitor puder ler a edição lusa, que traz no miolo fotos conceituais como as da capa, produzidas pelos espacialistas Diogo Guimarães e Luis Baptista) não só de texto, mas de imagem, tabelas e conceitos. Porém em *Matteo* arrisco dizer que há mais do que uso não meramente ilustrativo de imagens e uma parceria com artistas. Em alguns trechos, vejo ensaios para performances artísticas. Cito o personagem Baumann que recolhe lixo (embalagens, cascas de fruta etc.), limpa, deixa-o como novo e recoloca, na surdina, de volta no mundo em prateleiras de supermercado. Também existe Kashine que espalha a palavra Não por livros, documentos, fachadas, nas costas de pessoas, onde houver espaço, gerando alterações e novas visões do mundo. Mesmo o já citado Gottlieb com a tabela em braille nas costas remete à *body art*.

Pois estes personagens e suas intervenções me levam a propor: neste contexto em que somos elementos em constantes ligações (a maioria passiva ou inconsciente), o artista contemporâneo (performer, escritor, escultor) surge como aquele com consciência da sua-nossa condição elementar e das ligações e efeitos que exercemos sem parar uns sobre os outros.



E, portador dessa carga específica, o artista interfere intencionalmente nas ligações, desestabiliza o processo químico da rotina, para que possamos perceber o processo. Fazer arte como experimento com as ideias e a rotina. Isso vale pra qualquer fazer artístico, não precisa ser obra ultraconceitual. O simples retirar-se, conscientemente, da lógica produtiva do horário comercial pra escrever uma ficção e tentar impô-la, ou oferecê-la, como alternativa pra ver o real, é refazer as próprias ligações. É tentar interferir nas ligações alheias. O artista, o escritor, visto como cientista de si mesmo, ou molécula-terrorista tentando implodir os elementos mais estáveis do corpo. Arte: interferência na lógica elementar das coisas, das ideias, da linguagem. Espécie de câncer que pode ser benigno no corpo chamado humanidade.

#### “DEPOIS DE TUDO, CONTINUAVAM HUMANOS”

Falo em corpo chamado humanidade. Leio em *Matteo* “continuavam humanos”. E pergunto: o que é humano? Ou melhor, dou os créditos, *Matteo perdeu o emprego* pergunta muitas vezes: O que é ser humano? Pergunta, traz hipóteses e novas dúvidas.

Por vezes, o conjunto de histórias parece um bestiário de gentes. Cada qual com sua estranheza, do homem com copropraxia, aos marinheiros do barco da razão, passando pelo sujeito que recolhe e armazena baratas, todos são humanos. Mas eu, o leitor também humano, estranho todos eles, um a um, como o fofaqueiro na janela diagnosticando o modo como um caminha, a outra se veste, alguém mascara chichê. Estranho as formas de ser humano, como se eu fosse a medida.

Em paralelo com os diferentes modos de ser humano do livro, está a fortíssima imagem da capa (potencializada na edição portuguesa pela sequência interna), que exige atenção. Não apenas por ser porta de entrada da obra. Mas devido à parceria de Gonçalo com os artistas que a conceberam. É evidente que faz

“Qualquer repetição de um acto por mais absurdo que seja, rapidamente é absorvido: o excepcional transforma-se”

parte dos significados do livro. E é um manequim (*Matteo*) com uma bizarra e assustadora humanidade. Imagem-síntese que me põe em suspensão numa corda-bamba entre dois polos de humanidade: de um lado os personagens, gente esquisita, individualizada; do outro, o manequim tão gente.

E nessa corda bamba, indagando o que é ser humano, acabo notando a constante presença da ideia de ordem ao longo do livro, desde a aparição dos personagens em ordem alfabética, “Em *Matteo*[...] não há hesitações no itinerário da narrativa porque felizmente existe a ordem alfabética”, até o interesse de diversos personagens por formas de repetição, sistema, ou controle da vida. Um exemplo: Ashley corre todos os dias ao redor de uma rotunda de trânsito, “Enquanto estiver na rotunda não estou perdido, pelo menos não volto atrás”.

Quer dizer: será que, além da genética, continuar humano é, apesar de nossas estranhezas, manter o

apego desesperado por uma ordem, um regramento que faça este ser racional, superior a todos os outros animais instintivos, poder seguir em frente e viver, vejam, sem pensar? “Qualquer repetição de um acto por mais absurdo que seja, rapidamente é absorvido: o excepcional transforma-se [...] em certas circunstâncias bastam dias para que o monstruoso e o informe se faça normalidade e hábito”, diz o livro. O absurdo, desde que esteja em uma ordem – reconhecida por mim, que fique claro – está bem. Apesar de toda a nossa estranheza interna (de perto, ninguém é normal) talvez estejamos próximos do manequim da capa do livro, vivendo a partir de modelos e como modelos, reproduzindo posturas, congelando comportamentos esperados, que fazem ir sempre pra frente como Ashley na rotunda, ou Sísifo no monte. Tudo em ordem.

Mas não.

Ninguém vai sair da leitura com uma definição no colo. Quando alcanço algo parecida com “domesticar com a suavidade aparente de um nome”, logo vem nova questão: quem define a confortável ordem? O alfabeto? Toda ordem é questão de fé, seja na lei, seja na religião, seja na ciência. A uma pessoa ignorante da ordem alfabética, esta ordem arbitrária passaria conforto, lógica? Creio que não. E então?

Assim como personagens de *Matteo*, as perguntas ligam a perguntas que ligam a perguntas.

Aliás, na outra obra de Gonçalo que citei, o *Atlas do corpo e da imaginação*, leio “o que nunca termina de ser respondido é o essencial”. Gonçalo, artista que é, nos põe em desconforto em *Matteo*. Lembra que “conhecer é isto: cartografar a desordem”, não é se apaziguar com certezas, não é “Estar atento às casas decimais apesar de estar rodeado do que é podre”.

Pois se disse que meu texto talvez não precisasse ser escrito, fecho afirmando que *Matteo perdeu o emprego* é texto que precisava ser escrito. Porque pede pra, mais do que ser lido, ser pensado, questionado.

# HUMOR, AVENTURA E HISTÓRIA EM LIVROS PARA ADULTOS E CRIANÇAS



**Assine.**  
Revista Continente.  
Conteúdo é tudo.

**0800 081 1201**

e-mail: assinaturas@revistacontinente.com.br



**O COMPUTADOR QUE QUERIA SER GENTE**  
Homero Fonseca

Certo dia, Joãozinho, um garotinho de 10 anos, e Ulisses, seu computador, decidem trocar de lugar por 24 horas. A máquina queria saber como é ser um humano, por pensar que teria toda liberdade que quisesse.

R\$ 30,00



**O DIA EM QUE OS GATOS APRENDERAM A TOCAR JAZZ**  
Pedro Henrique Barros

Com esta narrativa impactante o carioca Pedro Henrique Barros venceu o Concurso Cepe de Literatura Infantil e Juvenil de 2011, na categoria juvenil.

R\$ 35,00



**CONTRATO COM VAMPIROS**  
Délcio Teobaldo

*Contrato com Vampiros* retrata a curiosidade da personagem sobre a verdadeira identidade de um garoto que se apresenta como vampiro. Indicada para os amantes do sobrenatural, a obra foi escrita pelo mineiro Délcio Teobaldo e ganhou ilustrações do paraibano Shiko.

R\$ 40,00



**O FOTÓGRAFO CLÁUDIO DUBEUX**

Álbum que reúne fotografias tiradas pelo empresário, industrial do açúcar e fotógrafo amador. Possui um rico acervo documental da expansão da malha ferroviária do Nordeste e do cotidiano das famílias recifenses do século 19.

R\$ 95,00



**OS ESCORPIÕES**  
Gastão de Holanda

O livro narra o relacionamento de um grupo de adolescentes no Recife nos anos 1930. São jovens sérios, preocupados com a cultura e os sentimentos. Seu processo de amadurecimento perpassa toda a trama.

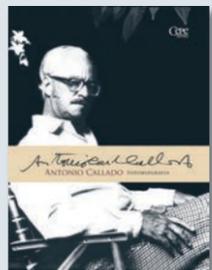
R\$ 40,00



**EMISSÁRIOS DO DIABO**  
Gilvan Lemos

Em *Emissários do Diabo* o conflito pela posse da terra é o centro do enredo e o que move todas as paixões. O personagem central é Camilo Martins, que cultiva uma pequena propriedade perto da fazenda do seu tio, Major Germano.

R\$ 25,00



**ANTONIO CALLADO FOTOBIOGRAFIA**  
Ana Arruda Callado (Org.)

Organizado por Ana Arruda Callado, viúva do biografado, *Antonio Callado Fotobiografia* percorre toda a trajetória do escritor, dramaturgo e jornalista, numa sucessão de textos curtos e saborosos.

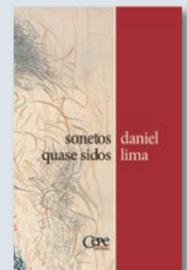
R\$ 90,00



**CRÔNICAS**  
Joca Souza Leão

O ex-publicitário Joca Souza Leão, ao aposentar-se, descobriu-se um cronista de mão cheia, que aborda tanto o cotidiano quanto os problemas da cidade, sempre com um toque de inteligência, ironia e bom humor.

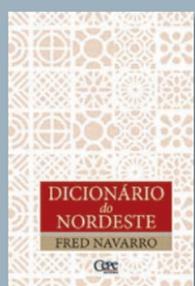
R\$ 50,00



**SONETOS QUASE SIDOS**  
Daniel Lima

“Como serei depois de quase um ano de morto, e, ainda muito mais, mortíssimo?”. Questões que nem todo mundo tem coragem de encarar, prendem a atenção do leitor nas páginas de *Sonetos quase sidos*, o novo livro do padre-poeta Daniel Lima.

R\$ 40,00



**DICIONÁRIO DO NORDESTE**

*Dicionário do Nordeste*, do jornalista pernambucano radicado em São Paulo, Fred Navarro, é fruto de 21 anos de minuciosa pesquisa. A obra reúne em suas 711 páginas mais de dez mil verbetes e expressões usadas em todos os estados da região e nasceu da necessidade de “traduzir” para os colegas certos termos normalmente empregados por ele em seu dia a dia nas redações paulistas. O livro tem prefácio do gramático Evanildo Bechara, da Academia Brasileira de Letras.

R\$ 70,00



**A EMPAREDADA DA RUA NOVA**

Livro mítico da literatura pernambucana, *A Emparedada da Rua Nova*, escrito por Carneiro Vilela, deve seu sucesso, em grande parte, ao mistério que cerca sua criação: o autor teria retratado um crime verdadeiro e hediondo, em que uma moça indefesa fora emparedada viva, pelo próprio pai, “em defesa da honra da família”? Ou teria Vilela, usando recursos estilísticos de grande qualidade, criado a estória que, de tão bem construída, faz com que até hoje muita gente acredite que ele se baseou em fatos reais?

R\$ 45,00

**Cepe**  
EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO **0800 081 1201** [livros@cepe.com.br](mailto:livros@cepe.com.br)

# INÉDITOS

## Rapheal Montes

KARINA FREITAS SOBRE REPRODUÇÃO

## DIAS PERFEITOS

**Gertrudes** era a única pessoa de quem Téo gostava. Desde o primeiro momento, ele soube que os encontros com ela seriam inesquecíveis. Os outros alunos não ficavam tão à vontade. Mal entravam na sala, as meninas tapavam o nariz; os rapazes buscavam manter alguma postura, mas o olhar revelava o incômodo. Téo não queria que notassem como se sentia bem ali. Andava de cabeça baixa, passos rápidos até a mesa metálica.

Serenamente à sua espera, estava ela. Gertrudes.

Sob a luz pálida, o cadáver ganhava um tom amarronzado muito peculiar, feito couro. A bandejinha ao lado trazia instrumentos para investigações mais profundas: tesoura com ponta curva, pinça anatômica, pinça dente-de-rato e bisturi.

“A veia safena magna pode ser observada nas proximidades da face medial do joelho. À medida que ascende à coxa, ela passa para a face anterior, no terço proximal”, Téo disse. Esticou o epitélio de Gertrudes para mostrar os músculos ressecados.

O professor baixou os olhos, encastelado na prancheta de anotações. Mantinha o ar sério, mas Téo não se intimidava: a sala de anatomia era seu espaço. As macas pelos cantos, os cadáveres dissecados, os membros e os órgãos em potes davam a ele uma sensação de liberdade que não encontrava em nenhum outro lugar. Gostava do cheiro de formol, das ferramentas nas mãos enluvadas, de ter Gertrudes sobre a mesa.

Em sua companhia, a imaginação não tinha limites. O mundo desaparecia e só restava ele. Ele e ela. Gertrudes. Havia escolhido o nome no primeiro encontro, ela com as carnes ainda no lugar. A relação se estreitara durante o semestre. A cada aula, Téo fazia descobertas: Gertrudes adorava surpreendê-lo. Aproximava-se da cabeça – a parte mais interessante – e extraía conclusões. A quem pertencia aquele corpo? Seria mesmo Gertrudes? Ou teria um nome mais simples?

Era Gertrudes. Ao olhar a pele ressecada, o nariz fino, a boca seca cor de palha, não concebia outro nome. Ainda que a degeneração tivesse retirado o aspecto humano, Téo via algo mais naqueles glóbulos disformes: via os olhos da mulher arrebatadora que, sem dúvida, ela havia sido. Podia dialogar com eles quando os outros não estavam olhando.

Provavelmente ela havia morrido velha, sessenta ou setenta anos. Os poucos fios na cabeça e no púbis confirmavam a hipótese. Numa investigação minuciosa, Téo havia encontrado uma fratura no crânio.

Respeitava Gertrudes acima de tudo. Apenas uma intelectual seria capaz de se desprender da bajulação de um enterro para pensar adiante, na formação de jovens médicos. Antes servir de luz à ciência do que ser devorada na escuridão, ela pensava, sem dúvida. Tinha uma estante repleta de boa literatura. E uma coleção de vinis da juventude. Havia dançado muito com aquelas pernas. Bailes e mais bailes.

É bem verdade que muitos daqueles corpos nas cubas malcheirosas eram de indigentes, mendigos que encontravam seu propósito de vida na mor-

te. Não tinham dinheiro, não tinham educação, mas tinham ossos, músculos e órgãos. E isso os tornava úteis.

Gertrudes era diferente. Difícil acreditar que aqueles pés tinham suportado as ruas, que as mãos tinham recebido trocados por toda uma vida medíocre. Téo também não aceitava a ideia de assassinato: uma coronhada na cabeça depois de um assalto ou pauladas de um marido traído. Gertrudes havia morrido de causas extraordinárias, um incidente na ordem das coisas. Ninguém teria coragem de matá-la. A não ser um idiota...

O mundo estava repleto de idiotas. Bastava olhar ao redor: idiota de jaleco, idiota de prancheta, idiota com voz aguda que agora falava de Gertrudes como se a conhecesse tanto quanto ele.

“A cápsula articular foi aberta, rebatendo-se a camada fibrosa externa, até a visualização das extremidades distal e proximal dos ossos fêmur e tíbia.”

Téo quis rir da garota. Rir não, gargalhar. E, se Gertrudes pudesse ouvir aquelas baboseiras a seu respeito, gargalharia também. Juntos, degustariam vinhos caros, conversariam sobre amenidades, assistiriam a filmes para depois discutir a fotografia, o cenário e o figurino como críticos de cinema. Gertrudes o ensinaria a viver.

Era irritante o despeito com que os outros alunos tratavam Gertrudes. Certo dia, aquela menina – a mesma que agora gastava sua estridência com termos médicos rebuscados –, na ausência do professor, tinha sacado do bolso um esmalte vermelho e, entre risadinhas, pintado as unhas do cadáver. Os alunos logo se aglomeraram; divertiam-se.

Téo não gostava de vinganças, mas teve vontade de se vingar da garota. Poderia conseguir uma punição institucional, burocrática e ineficaz. Poderia providenciar um banho de formol – ver nos olhos da maldita o desespero ao sentir a pele ressecar. Mas o que ele queria realmente era matá-la. E, então, pintar seus dedinhos pálidos com esmalte vermelho.

Lógico, ele não faria nada daquilo. Não era um assassino. Não era um monstro. Quando criança, passava noites sem dormir, as mãos trêmulas diante dos olhos, tentando desvendar os próprios pensamentos. *Sentia-se* um monstro. Não gostava de ninguém, não nutria nenhum afeto para sentir saudades: simplesmente vivia. Pessoas apareciam e ele era obrigado a conviver com elas. Pior: era obrigado a gostar delas, mostrar afeto. Não importava sua indiferença desde que a encenação parecesse legítima, o que tornava tudo mais fácil.

O sinal tocou, liberando a turma. Era a última aula do ano. Téo saiu sem se despedir de ninguém. O edifício cinza ficava para trás e, ao olhar sobre o ombro, ele se deu conta de que nunca mais veria Gertrudes. Sua amiga seria enterrada junto aos outros corpos, jogada em uma vala. Nunca mais teriam aqueles momentos.

Ele estava sozinho outra vez.

\* Trecho do romance *Dias perfeitos* (Companhia das Letras)

# INÉDITOS

Valter Hugo Mãe



## A DESUMANIZAÇÃO

**Foram dizer-me** que a plantavam. Havia de nascer outra vez, igual a uma semente atirada àquele bocado muito guardado de terra. A morte das crianças é assim, disse a minha mãe. O meu pai, revoltado, achava que teria sido melhor haverem-na deitado à boca de deus. Quando começou a chover, as nossas pessoas arredadas para cada lado, ainda vi como ficou ali sozinho. Pensei que ele escavaria tudo de novo com as próprias mãos e andaria montanha acima até ao fosso medonho, carregando o corpo desligado da minha irmã.

Éramos gémeas. Crianças espelho. Tudo em meu redor se dividiu por metade com a morte.

Ao deitar-me, naquela noite, lentamente senti o formigueiro da terra na pele e o molhado alagando tudo. Comecei a ouvir o ruído em surdina dos passos das ovelhas. Assim o expliquei, assustada. Disseram-me que talvez a criança morta tivesse prosseguido no meu corpo. Prosseguia viva por qualquer forma. E eu acreditei candidamente que, de verdade, a plantaram para que germinasse de novo. Poderia ser que brotasse dali uma rara árvore para o nosso canto abandonado nos fiordes. Poderia ser que desse flor. Que desse fruto. A minha mãe, combalida e sempre enferma, tocou-me na mão e disse: tens duas almas para salvar ao céu. Assustei-me tanto quanto lhe tive ternura. A minha mãe não me perdoaria qualquer falha.

Achei que a minha irmã podia brotar numa árvore de músculos, com ramos de ossos a deitar flores de unhas. Milhares de unhas que talvez seguissem o pouco sol. Talvez crescessem como garras afiadas. Achei que a morte seria igual à imaginação, entre o encantado e o terrível, cheia de brilhos e susto, feita de ser ao acaso. Pensei que a morte era feita ao acaso. Deitava-me na cama, imaginava a terra no corpo, a água, os passos das ovelhas, nenhuma luz. Muito frio. Estava muito frio. Não me podia mexer. Os mortos não se encolhiam, não se aconchegavam

melhor, ficavam tal como os tivessem deixado. E eu sabia que devia ter acautelado isso. Devia ter visto se levava um agasalho, se estava puxado até ao pescoço, se lhe puseram almofadas ou haveria aquilo de ser apenas um tecido nas tábuas duras. Depois, ganhava certeza de que a minha irmã fora deitada à terra como um resto qualquer.

As pessoas já chamavam àquele bocado de chão a criança plantada. Diziam assim. A criança plantada. Também parecia uma chacota porque o tempo passava e não germinava nada, não germinava ninguém. Era um plantio ridículo. Uma coisa para consolar a cabeça aflita da família. Não servia para tarefa alguma. E perguntavam-me: é verdade que os gémeos ficam de duas almas. Como se eu estivesse a sentir-me gorda ou pesada, como se tivesse mudança no corpo ou na luz dos olhos que evidenciasse a obrigação de fazer a minha irmã viver. Estás de fantasma dentro, afirmava o Einar.

Eu era sempre magra. Apenas um esboço de gente. Quase não existia. Não me via gorda de aquisição nenhuma e mal encontrava lugar para a alma que até então me competira. A minha irmã gostava de doces e eu odiava. Talvez as pessoas se esforçassem por me convencer a comer doces para consolar a alma dela. Talvez pudesse passar a gostar de snudurs, se a Sigridur estivesse verdadeiramente posta dentro de mim. Quando experimentei, igualmente odiei, e a ausência da minha irmã apenas aumentava. Eu dizia que o açúcar me vinha como sangue à língua.

Só por antecipação eu poderia sentir a terra e a água. Durante um tempo, percebi, a caixa em que a trancaram ia protegê-la, limpa, antes que se misturasse tudo, podre, a desaparecer. Ainda assim, deitava-me com a morte. Chegava a colocar as mãos ao peito como fizeram com a Sigridur, muito hirta, quieta, e imaginava coisas ao invés de adormecer. Imaginar era como morrer.



Ao fim de umas noites, senti um bicho a picar-me. Um bicho dentado que claramente devorava um lugar no meu corpo. Apavorada, levantei-me. Estava o lume brando, a casa esfriado. Não lhe mexi. Olhei apenas como quem esperava nascer o sol de uma chama qualquer. Podia ser que se fizesse o dia a partir de uma fogueira pequena que fosse mais amiga do sol ou soubesse subitamente voar.

Pensei que queria ver uma pequena fogueira a voar. Quando o meu pai se levantou, foi o que lhe confessei. Eu sabia que os bichos haveriam de devorar o corpo da Sigridur. Se ela tivesse de ser uma semente, se esperasse germinar, não o conseguiria enquanto os bichos lhe devorassem os aumentos. Ou poderia acontecer-lhe igual àquelas árvores pequenas do Japão. Árvores que queriam crescer mas que alguém mutilava para ficarem raquíticas, apenas graciosas, humilhadas na sua grandeza perdida. O meu pai, que era um nervoso sonhador, abraçou-me brevemente e sorriu. Um sorriso silencioso, o modo de revelar ser tão imprestável quanto eu para o exagero da morte. Comecei a sentir-me violentamente só. Os bichos, apressados e cheios de estratégias, mastigavam a Sigridur para que se mantivesse uma semente fechada, impedindo que crescesse até ver-se acima da terra, a chegar aos nossos olhos, fazendo algum sopro no vento, espiando ela própria o mar. Devoravam-na para que a pele se mantivesse infértil, apenas secando de podre como o tubarão no barracão grande. A criança plantada não podia voltar, pensava eu em terror. A terra estava infestada de seres matadores, invejosos, gulosos da felicidade dos outros. Comem-lhe a felicidade. Pensei que a minha irmã apenas morria mais e mais a cada instante. Era uma criança bonsai. Explicou-me o meu pai. Aquelas árvores, disse eu. Bonsais, respondeu ele. Fazem jardins raquíticos. Como se os japoneses preferissem que as coisas do mundo fossem diminutas. Coisas anãs. Ou, então, era para terem os homens a

propriedade dos pássaros. Concordei. Haveriam de circular entre as árvores pequenas com a impressão dos pássaros a voar.

Gostava que pudesse aparar o meu corpo também. Ficar eternamente criança por vontade, nem que desse muito trabalho. Ser sempre assim, igual ao que fora a minha irmã. O único modo de continuarmos gémeas. Sabes, pai, se eu crescer e não crescer a Sigridur vamos ficar desconhecidas. Faz de mim um bonsai. Peço-te. Corta o meu corpo, impede-o de mudar. Bate-lhe, assusta-o, obriga-o a não ser uma coisa senão a imagem cristalizada da minha irmã. Vou passar a andar encolhida, dormir apertada, comer menos. Vou sonhar tudo o mesmo ou sonhar menos. Querer o mesmo a vida inteira ou querer menos. Querer o que queria ela. Se os bichos na terra não a deixam ser maior, se é verdade que a levam por inteiro, que fique ao menos eu, pelas duas, a ser igual, para não morrermos. No mínimo, devíamos ter enterrado muitas flores com ela. Que floríssem. Porque não pode ver senão bichos e terra suja. Não colhemos flores, fomos muito egoístas. Havia tantas na charneca. Algumas cheiravam bem.

Nos meus sonhos imaginava jardins de crianças. As árvores baixas dos corpos, falando, brincando com os braços e os pássaros pousando entre as folhas. Os braços deitavam folhas e seguravam ninhos nas mãos e as crianças eram sempre pequenas, animadas de ingenuidade, gratas pela vida sem saberem outra coisa que não a vida. E sonhava que as pessoas japonesas vinham ao jardim contemplar, e deitavam água de regadores coloridos que lavavam os pés-raízes das crianças bonsai. E só de noite, quando bem escuro, alguém vinha com as facas para laminar as partes dos corpos que se alongavam. Laminavam cuidadosamente, todas as noites, para que não deformassem as crianças, para que avelhassem sem se notar. Incapazes de mostrar a idade. Apenas livres para usarem a idade

na manutenção eufórica da infância. Sofreriam os cortes caladas. Conscientes da maravilha que aquela dor lhes trazia.

A ver a imensidão dos fiordes, as montanhas de pedra cortadas por rigor, o movimento nenhum, achei que o mundo mostrava a beleza mas só sabia produzir o horror. As nossas pessoas sobravam ali em duas dezenas de casas habitadas, contando com a igreja e o minúsculo quarto de dormir do insuportável Einar. Não havia mais miúdos. Era tudo velho. A gente, os sonhos, os medos e as montanhas.

Podia ser que eu estivesse ainda mais magra por ter ficado vazia dos poucos gramas que pesava a alma. A minha mãe chamava-me estúpida. Perguntei-lhe que sentido encontrava na vida. O que andaríamos ali a tentar descobrir. Mas ela nunca saberia. Surpreendeu-se com a profundidade da questão. Foi um modo instintivo que tive de a magoar, para que não me ofendesse com a sua contínua e impensada rejeição. Magoávamo-nos, acreditava eu, sempre por causa da ternura. Como que a reclamá-la enquanto a perdíamos de vez.

Mais tarde, ouvia-a alertar o meu pai. Em alguns casos de morte entre gémeos o sobrevivente vai morrendo num certo suicídio. Desiste de cada gesto. Quer morrer. Dizia ela.

Quando percebi que estávamos sozinhos, descansei o meu pai. Não queria morrer. Estava entre matar e morrer, mas não queria uma coisa nem outra. Queria ficar quieta.

Repeti: a morte é um exagero. Leva demasiado. Deixa muito pouco.

Começaram a dizer as irmãs mortas. A mais morta e a menos morta. Obrigada a andar cheia de almas, eu era um fantasma. O Einar tinha razão. As nossas pessoas olhavam-me sem saber se viraria santa ou demónio. Os santos aparecem, os demónios assombram.

\* Trecho do romance *A desumanização* (Cosac Naify)

# RESENHAS

MABEL MALDONADO/DIVULGAÇÃO



## Um olhar bem particular sobre a repressão política

Em seu novo romance, escritor chileno fala de como é viver e amadurecer numa ditadura

Schneider Carpeggiani

O romance *Formas de voltar para casa*, do escritor chileno Alejandro Zambra, parte de um pressuposto genial: tratar a figura de Pinochet não como a do homem com todos os poderes, mas como um personagem estranho, que era capaz de interromper a programação da TV a qualquer hora do dia. Tratar a ditadura pelo olhar de uma criança, que aos poucos vai compreendendo o mundo ao seu redor, é uma forma de imprimir camadas de significado mais suaves a um tema sempre complexo, sempre aberto ao exagero ou ao tom panfletário. A obra acerta, ao menos, em seu desejo de querer soar silenciosa e vazia em cores.

*Formas de voltar para casa* faz parte do esforço da geração de autores surgida a partir dos anos 1990 de redesenhar a literatura latino-americana, para além da estética canônica do Boom. No enredo,

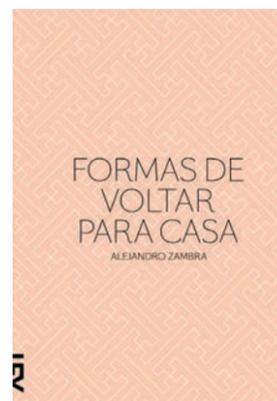
o romance se aproxima de *Baixo astral*, obra pop e colorida do também chileno Alberto Fuguet, que instaura Pinochet na adolescência de um garoto de classe média alta, nem um pouco interessado em compreender os desmandos do grande patriarca.

Mas se Fuguet tratava a história imediata com certa ironia melancólica, Zambra não tem qualquer senso de humor. O que talvez o leve a se embananar em frases de efeito bobas, que chamam atenção do leitor menos treinado, mas que vazam o seu esforço em construir essa estrutura. É o caso de passagens como “Tenho certeza que sentia minha presença, mas não baixou o livro. Seguiu sustentando – como quem sustenta o olhar. Ler é cobrir a cara, pensei. Ler é cobrir a cara. E escrever é mostrá-la” – abandonar a ação para lançar um pensamento subjetivo sobre o mundo, como

se olhasse para o leitor pedindo aplausos por sua sacação genial, é de um amadorismo impensável para quem é tratado como um gênio em potencial (ah, como dá medo a expressão “em potencial”...).

Zambra faz em *Formas de voltar para casa* o mesmo exercício já testado em *Bonsai* (seu livro de estreia no Brasil), ainda que com melhor resultado: pegar um tema gigantesco (antes amor; agora ditadura) e tratá-lo a partir de um ponto de vista minúsculo, num jogo meio absurdo de falsa modéstia. Apesar desses problemas, o livro é uma aquisição razoável para o leitor compreender um dos momentos mais dramáticos da história recente do continente, sobretudo nesse momento em que o Brasil repensa os 50 anos do golpe militar e que os autores brasileiros começam, pouco a pouco, a falar de como a repressão política se infiltrou na nossa pele e em nosso imaginário.

Mas para quem quer entender como um sistema ditatorial pode se infiltrar na corrente sanguínea do seu País e apodrecer tudo ao seu redor, sem grandes tons históricos, a melhor dica é procurar outro chileno, no caso Roberto Bolaño, com sua novela *Estrela distante*. Um livro não apenas silencioso, mas no volume certo.



ROMANCE

*Formas de voltar para casa*

Autor - Alejandro Zambra

Editora - Cosac Naify

Preço - R\$ 29,00

Páginas - 160

Mariza Pontes

NOTAS DE RODAPÉ

CLISERTÃO

### Evento promovido pela UPE e governo estadual discute o sertão literário em Petrolina em maio

Petrolina se prepara para receber a segunda edição do *Clisertão – Congresso Internacional do Livro, da Leitura e da Literatura no Sertão*, que será de 5 a 10 de maio. O tema geral do encontro é “A democratização do livro, o sertão reinventado e as fronteiras da leitura/literatura”. Entre as atrações já confirmadas estão os escritores Marcelino Freire,

de Pernambuco, que fará oficina literária, e Sidney Rocha, do Ceará; o cantor e poeta Lirinha (foto), que deve fazer uma apresentação pocket, os poetas Chico Pedrosa e Pedro Américo de Farias e a pesquisadora portuguesa Andreia Joana Silva, estudiosa da literatura em português feita na África. Uma boa iniciativa de levar literatura ao Sertão.

DIVULGAÇÃO



REPRODUÇÃO

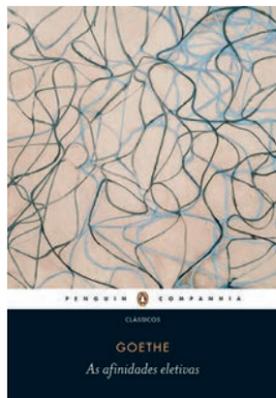


## A teoria do amor

O selo Penguin, da Companhia das Letras, trazendo uma nova edição de um dos mais importantes clássicos de Goethe, *As afinidades eletivas*, com sua investigação bem particular sobre as implicações do amor e do destino. Eduard e Charlotte formam um casal elegante e aristocrático que vive numa propriedade rural idílica, porém perigosamente próxima do fastio. Mas a relativa paz de sua existência é posta à prova quando a presença de dois visitantes – o Capitão e Ottilie – faz despertarem reservas magmáticas de atração sexual e amor proibido.

Com o título inspirado pelo princípio da química a respeito de certos elementos que são atraídos para outros, e com uma temática calcada na própria biografia sentimental (e conflituosa) de Goethe,

este romance é um dos triunfos supremos do romantismo. Esta edição permite conhecer (ou revisitar) a obra que é uma das pedras fundamentais do romance do século 19. Um objeto literário encantador e meditativo sobre como somos arrastados pelas paixões.



ROMANCE

*As afinidades eletivas*  
Autor - Johann Wolfgang von Goethe  
Editora - Companhia das Letras  
Preço - R\$ 29,00  
Páginas - 328

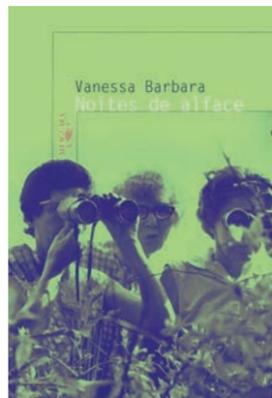
FERNANDA FIAMONCINI/DIVULGAÇÃO



## Diante do luto

Há cinco décadas, Otto e Ada dividem uma rotina afável: estão em busca da receita perfeita de couve-flor à milanesa, cuidam do jardim, assistem a documentários sobre o reino animal e comem geleias de morango, laranja, uva e framboesa no café da manhã. As relações com os vizinhos também fazem parte do cotidiano do casal. Ada, sempre prestativa e carismática, organiza reuniões, tenta resolver os problemas alheios e convive em harmonia com os demais. Otto é o seu oposto: rabugento e misantropo, pretende ficar longe dos outros o máximo de tempo que conseguir. Em uma manhã tranquila, de maneira abrupta, Ada morre. A partir dessa perda, os desdobramentos que giram em torno de Otto, são a base para

a narrativa de *Noites de alface*, primeiro romance da escritora e jornalista Vanessa Barbara. Em meio a uma prosa leve, carregada de humor sutil, a paulista constrói histórias que envolvem luto, solidão e pequenas neuroses de maneira humana e sincera. **(Priscilla Campos)**



ROMANCE

*Noites de alface*  
Autora - Vanessa Barbara  
Editora - Alfaguara  
Preço - R\$ 34,90  
Páginas - 168

## PRATELEIRA

### FLORES RARAS E BANALÍSSIMAS

A história de amor entre a poetisa americana Elizabeth Bishop e a urbanista brasileira Lota de Macedo Soares, que durou 16 anos, rendeu uma bela biografia, recentemente levada ao cinema. O romance, passado nas décadas de 1950 e 1960, oferece uma impecável reconstrução histórica, marcada pelo início da ditadura. Diversos personagens da literatura e do paisagismo brasileiros convivem com as protagonistas nas páginas do livro.



**Autora:** Carmem L. Oliveira  
**Editora:** Rocco  
**Páginas:** 248  
**Preço:** R\$ 34,50

### ENTRE AMIGOS

Oito histórias interligadas recriam a realidade de um kibutz, durante os anos 1950, onde grupos de diferentes origens partilham um cotidiano de trabalho árduo e vivenciam dramas universais. Para o autor, a fronteira é um espaço privilegiado de convivência entre gerações que têm a missão de planejar o futuro sem abrir mão das tradições. A narrativa é seca, equilibrada, mas rica em detalhes, lirismo e simbologias.



**Autor:** Amós Oz  
**Editora:** Companhia das Letras  
**Páginas:** 136  
**Preço:** R\$ 36,00

### AUTORRETRATO

Enquanto procura definir o que constitui um autorretrato, a autora traça imagens, conceitos e textos que se misturam em diferentes linguagens, gêneros e discursos. Sua narrativa é, ao mesmo tempo, objeto de arte e ensaio, crítica e ficção literária. Raíssa de Góes desafia, questiona e fascina, fazendo surgir, a cada palavra, seu próprio autorretrato, que se desvenda diante do leitor e se renova a cada olhar.



**Autora:** Raíssa de Góes  
**Editora:** 7Letras  
**Páginas:** 98  
**Preço:** R\$ 30,00

### O TEMPO É UM RIO QUE CORRE

Mesclando memórias e reflexões sobre a passagem do tempo, Lya Luft cria um belo ensaio sobre as relações humanas, as fases da vida e a morte, temas e inquietações que são sua especialidade. O livro é dividido em três partes: *Águas mansas*, *Marés altas* e *A embocadura do rio*. Nelas, a autora mostra que a cada etapa da vida é preciso buscar caminhos para usufruir o que há de melhor, sem perder tempo com futilidades e com a inútil busca da eterna juventude.



**Autora:** Lya Luft  
**Editora:** Record  
**Páginas:** 144  
**Preço:** R\$ 28,00

### MCP

#### Caravana leva cultura popular a espaços públicos

Até 28 de abril estão acontecendo, em diversos espaços públicos do Recife, eventos que lembram a importância do MCP – Movimento de Cultura Popular, que causou grande efervescência cultural nos anos 1960, sendo considerado um trampolim para as manifestações atuais. Cursos, seminários e palestras, além de apresentações itinerantes do grupo Boi D'Loucos, relatam a história do MCP e seu impacto social.

### PLÁSTICO

#### Material proporciona bela exposição fotográfica

Vale a pena conferir, no Centro Cultural Correios (Av. Marques de Olinda, 262, Recife Antigo), até o dia 27, a mostra *Paixão Plástica*, do fotógrafo e videoartista Breno César. O objetivo é mostrar fotos abstratas, criadas a partir de composições que têm o plástico como matéria-prima. O resultado, belo e colorido, é surpreendente.

### OFF-FLIP

#### Estão abertas as inscrições ao prêmio de Paraty

Até 5 de maio estão abertas as inscrições de obras concorrentes à nona edição do *Prêmio Off-Flip de Literatura*, nas categorias conto, poesia e literatura infantojuvenil. Os vencedores receberão R\$ 23 mil no total, hospedagem em Paraty e ingressos para as mesas de debate, passeio de escuna e cotas de livros, além de participar da programação do *Circuito Off Flip*, da *Flimar (Festa Literária de Marechal Deodoro/AL)* e da *Flap (Feira do Livro do Amapá)*.

## RESENHA

## Kelvin Falcão Klein

JANIO SANTOS SOBRE FOTOS DE DIVULGAÇÃO



## Atenção: encruzilhada literária à sua frente

Em seu romance *Norte*, Edmundo Paz Soldán, escritor boliviano radicado nos Estados Unidos, onde é professor de literatura, apresenta uma intrincada reflexão sobre o poder de absorção e rejeição desse país que é o “norte” de todos os latino-americanos – e que ocupa o imaginário criativo não apenas de Paz Soldán, mas de outros escritores contemporâneos como Daniel Alarcón, Soledad Cisneros, Junot Díaz e Reinaldo Laddaga. Em primeiro lugar, portanto, *Norte* pode ser entendido, literalmente, como um livro sobre a errância, a movimentação e a migração, sobre a necessidade de um destino ou meta e também sobre o que há de utópico e perigoso nesse desejo de movimento.

O romance articula quatro histórias paralelas, que são contadas pouco a pouco, a partir de fragmentos numerados e intercalados. Começamos no México de 1984 e, em seguida, estamos no Texas de 2008, que nos leva à Califórnia de 1931, retornando a Ciudad Juárez em 1984 e assim por diante, num movimento de concatenação de longos ciclos narrativos não necessariamente coincidentes. Há um assassino de origem mexicana, Jesús, que cruza a fronteira para cometer seus crimes; há um policial militar do Texas, Rafael Fernandez, também de ascendência mexicana, que investiga as mortes; há uma jovem boliviana, Michelle, que cursa pós-graduação em estudos literários na mesma região, mas 20 anos depois dos crimes; e, finalmente, Martín Ramírez, um camponês mexicano que passa décadas numa instituição psiquiátrica da Califórnia, desenhando.

Por que essa fragmentação? Uma das razões possíveis é o esforço de Paz Soldán de mostrar que toda reconstituição histórica é um processo *convulso* – há pedaços ativos de 1931 em 1984, assim como existem fragmentos atuantes de 2008 em 1931. Tanto Michelle, a jovem boliviana, quanto

Martín Ramírez, espécie de Arthur Bispo do Rosário *avant la lettre*, fazem uso do desenho para expressar seus respectivos sentimentos de inadequação e de não pertencimento diante desse Norte assustador e insondável. Michelle luta para definir os traços de sua história em quadrinhos de zumbis; Martín Ramírez desenha túneis, trens, cavalos e cavaleiros, símbolos do trabalho que o fez cruzar a fronteira antes de perder a razão. “Desenhava a sala em que passava a maior parte do tempo”, escreve o narrador sobre Ramírez. “Paredes com janelas. Mas isso não lhe interessava tanto como desenhar o que havia dentro de seu crânio. O cinema de seu cérebro, como aquele a que fora algumas vezes com María Santa Ana em Los Altos”.

É importante ter em mente que tanto Martín Ramírez, o artista, quanto Jesús, o *serial killer*, são figuras históricas que Paz Soldán resgata e ficcionaliza em seu romance. Martín Ramírez, nascido em 1895 e morto em 1963, foi de fato um artista autodidata que passou a maior parte de sua vida internado numa instituição psiquiátrica, diagnosticado como portador de demência catatônica – e que ganhou fama póstuma como pintor. O personagem Jesús, por outro lado, foi baseado em Ángel Maturino Reséndiz, nascido em 1959, capturado pela polícia em 1999, executado em 2006, e que ficou conhecido na imprensa como *The Railroad Killer*, pois cometia seus crimes nas proximidades das linhas férreas. “Às vezes via gente nas casas, estudantes ou idosas sozinhas, e tentava entrar”, escreve Paz Soldán sobre Jesús. “Entraria para roubar, mas o roubo seria apenas um pretexto para o que lhe interessava de verdade. Mulheres que o ignoravam quando o viam perto de uma estação ou num supermercado. Gringazinhas incapazes de aceitar sua existência. Seria fácil despachá-las”.

Esse resgate do factual confere a *Norte* uma positiva potência de ambiguidade e de ambivalência. Nesse ponto, o romance de Paz Soldán se aproxima de livros como *2666*, de Roberto Bolaño, que faz uso dos assassinatos de mulheres em Ciudad Juárez, no México (evento que Paz Soldán também incorpora a *Norte*, ainda que incidentalmente, assim como o faz também com a figura de Roberto Bolaño), ou *Submundo*, de Don DeLillo, que também lida com os Estados Unidos como uma espécie de entidade amorfa que tudo absorve, além de transpor à ficção outro caso de *serial killer* norte-americano, esse conhecido como *The Texas Highway Killer*.

Paz Soldán propõe, portanto, uma mistura desses dois universos de crime e horror – o mexicano de Bolaño e o estadunidense de DeLillo –, usando como ponto catalisador da mistura a própria fronteira entre os dois países. Essa fronteira, no fim das contas, serve tanto para ilustrar a relação entre fato e ficção como entre desejo e realização: é precisamente no processo de mistura que se dá a narrativa, sem que qualquer posição definitiva se estabeleça. Aquele “norte” que primeiro se anunciou como um ponto fixo, um local de segurança que seria imediatamente reconhecível uma vez alcançado, vai pouco a pouco, ao longo do romance, se transformando, ganhando as feições de uma utopia, de um buraco sem fundo, de uma ilusão.

## O LIVRO

**Norte**

Autor Edmundo Paz Soldán

Editora Companhia das Letras

Páginas 312

Preço R\$ 49,50